

Alfaiataria Teixeira
MARANHÃO

MARANHÃO ILLUSTRADO

1.º VOLUME

Do Doutor

Imp. na Typ. da Alfaiataria Teixeira

1899

ALBUM MARANHÃO



Apresentamos ao publico o presente album que intitulamos «Maranhão Ilustrado». Nelle acham-se estampados em photogravura diversos edifícios e praças publicas que já tivemos occasião de effecer com os numeros da 1.^a série ilustrada da «Revista Elegante», mais outras vistas ainda ineditas, todas apanhadas caprichosamente pela photographia particular da Alfaiataria Teixeira.

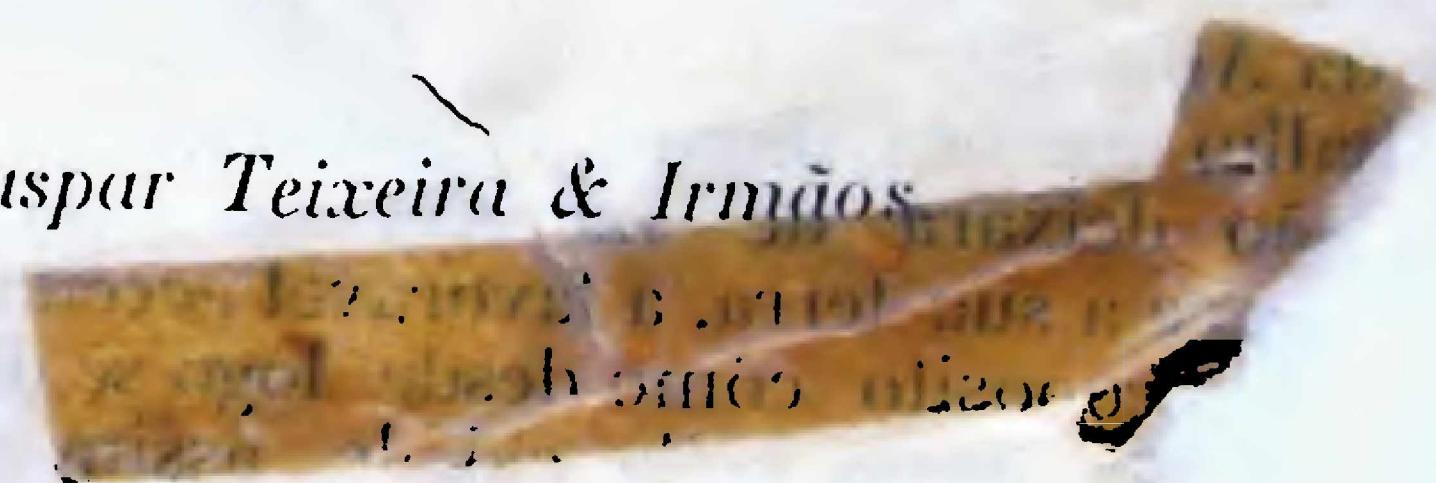
Trabalho que ora damos á publicidade, se não revela grande mérito, todavia acredita-se que deixará de merecer no conceito publico principalmente o do Maranhão que merece a sua terra, a favorável aceitação de que são sempre criadoras as boas intenções. O proposito como desde logo se deprehende, é tornar conhecidos geralmente os diferentes pontos da nossa bella cidade, assim também as suas mais notaveis edificações. Em s álbuns que se seguirem a este, daremos também uma collecção não só de costumes tradicionais da capital e seus interiores, como ainda diversos bustos de homens antigos e contemporâneos que nas multiplas classes sociaes têm salientado brilhantemente seus nomes.

O presente album não é um trabalho unico no genero porque outros existem sob o mesmo objectivo, porém, é incontestavelmente o primeiro que se faz no paiz,—obra puramente nacional.—

demonstrando dessa sorte que a arte typographica entre nós agora prospéra como em outros tempos. Foi todo feito em nossas officinas, e as descripções elaboradas pelo Snr. Euclides Marinho Aranha, segundo diversas informações obsequiosamente prestadas, servindo muitas vezes de guia o Diccionario Historico Geographico do Dr. Cezar Augusto Marques.

Maranhão,—1899.

Gaspar Teixeira & Irmãos



ALFAIAFARIA TEIXEIRA

SECÇÃO DE PERFUMARIA

Constante e variado sortimento de perfumaria

franceza, ingleza, allemã e americana, dos fabricantes Guerlain, Houbigant, Delettrez, Lubin, Piver, Roger & Gallet, J. Si-

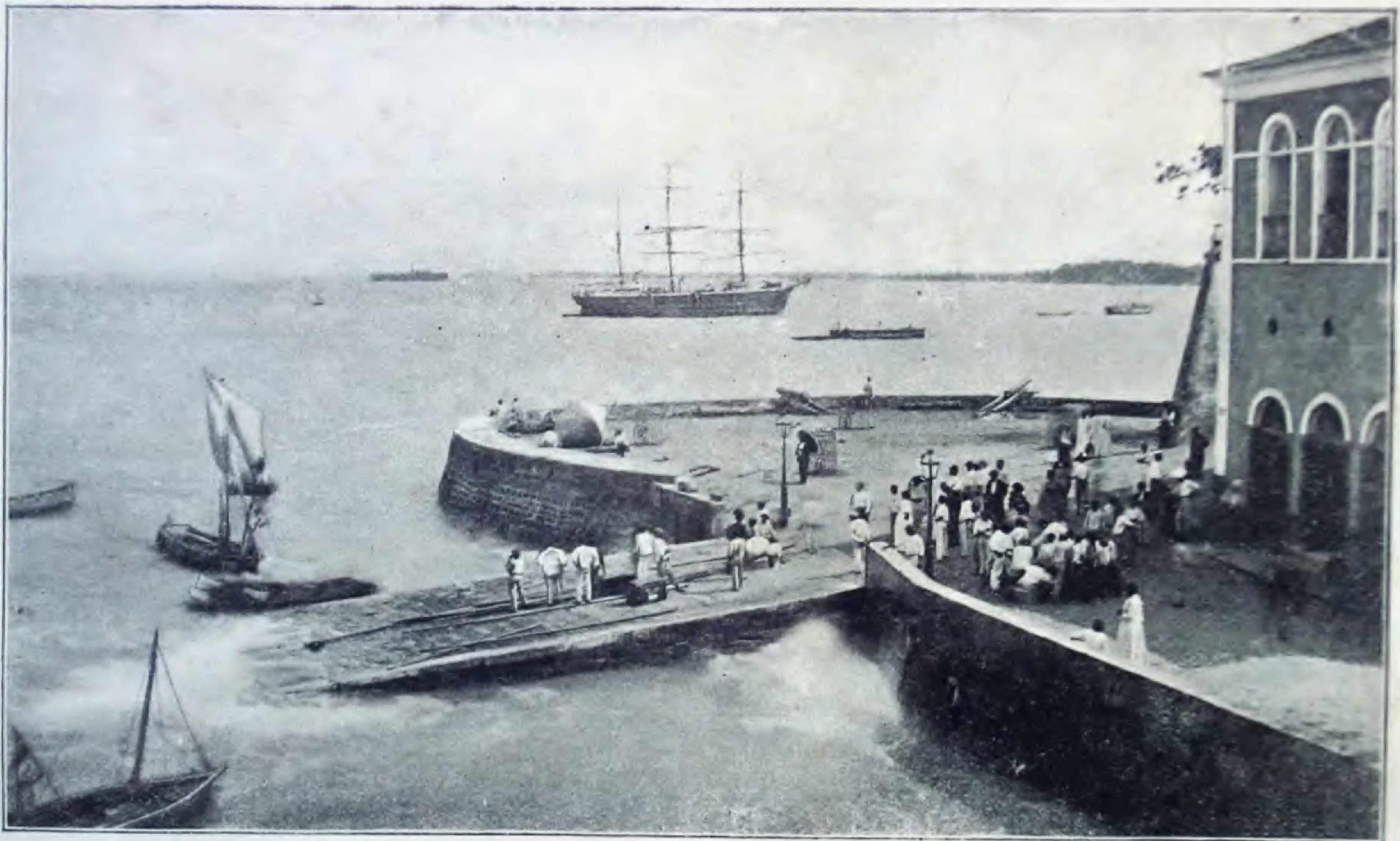
mon, Benedictines, Botöt, Emarghi, W. Rieger, Mouson, Atkinson, Crown Perfumery, Colgate & C., Pears.

Especialidades em extractos para o lenço, sabonetes, aguas de toilettes, loções, dentifricios, oleos, cośmetricos, cremes, pós para a barba, cachets perfumados.

Artigos de perfumaria para toilette.

--Largo do Carmo--

--Maranhão--



RAMPA DE PALACIO

Rampa de Palacio

A photo-gravura que acabamos de ver é a Rampa de Palacio um dos principaes pontos de desembarque, apresentando tambem um dos terraços do baluarte vulgarmente conhecido por *meia laranja*.

Esta vista foi muito propositadamente apanhada em dia trivial, sem agitação alguma fóra do commun, quando o movimento do porto está calmo para assim exprimir a idéa exacta do natural. O ancoradouro sem a quantidade de navios que ás vezes costuma ter, motiva no logar a falta de animação que em contrario se nota nas chegadas e saídas de vapores, principalmente da Companhia Lloyd Brazileiro.

O ajuntamento de pessoas que se vê, são em geral catraeiros que ali permanecem constantemente.

Em frente ao caes destaca-se o predio onde funciona a Guarda-Moria, tendo ahí o seu quartel e posto fiscal. Discorta-se desse ponto, toda a barra abrangendo a Ponta d'Areia em que está situado o Forte de S. Antonio na

latitude meridional de $2^{\circ} 29' 24''$ e na longitude occidental $46^{\circ} 31'$.

Acha-se ancorada no porto uma barca de procedencia estrangeira e mais ao longe um vapor nacional, alem de pequenas lanchas, escalerres que fazem o serviço de transporte.

A rampa que desce quasi á baixa-mar é solidamente construida, ficando mergulhada nas marés grandes, cujo embate das ondas não deixa de ser ás vezes algum tanto impetuoso.

A muralha semi-circular que apparece, pertence como dissemos ao baluarte, edificado em 1612 pelo Sr. de Rewardiere com o nome de S. Luiz em honra ao principe reinante Luiz XIII, nome que depois se estendeu a toda provincia de então.

Além dessa muralha ha um outra também semi-circular, medindo ambas 157 palmos de diâmetro e 6 braças de comprimento, unidas pór uma cortina de 700 palmos de extensão sobre 19 de altura, onde pode laborar grande artilheria.



IGREJA DE SANTO ANTONIO

Igreja de Santo Antonio

A perspectiva geral d'este templo não revela obra de arte que detenha um exame minucioso, digno de reparo, mas ha alguma cousa de interessante no que diz respeito á sua historia.

A fachada do edificio como todo seu interior é de um estylo gothico que lembra as construções do século XIV. É singella, não ostenta profusão de relevos nem grandeza de ornatos que caracterizam a architectura classica, mas alinhada sob a estructura moderna por quanto foi concluida nos ultimos tempos, apresenta bastante solidez, aspecto agradavel, apparencia superior ás demais Igrejas do Estado.

No corpo lateral do templo realçam cinco altares; ao fundo eleva-se o altar-mór garnecido de pequenas columnas, obra simples mas bem acabada; em frente a esse altar destaca-se o côro que é bastante espacoso. Nas paredes la-

terae abrem-se algumas tribunas; à direita da entrada acham-se situadas tres capellas, a do Bom Jesus da Columna, a do Bom Jesus dos Navegantes e a de S. José. A primeira foi doada pela irmandade dos Navegantes á confraria que passou a pertencer; a segunda, que apresenta um aspecto de novo templo pelo seu apparato e extensão, contando quatro altares, tres no corpo e um no fundo, pertenceu á irmandade da Ordem dos Terceiros Franciscanos menores. Ao lado desta tem um panteon onde são recolhidos os ossos dos irmãos, havendo em seguida, na extremidade do recinto, um altar com a imagem do Senhor crucificado. A terceira capella, pequena, porém bem decorada, data de pouco tempo e foi mandada construir por alguns sacerdotes e outros devotos do santo.

Na Igreja, junto ao altar-mór, abrem-se duas portas que dão entrada para a sacristia,

depois, o claustro que é espacoso e bem construído

Depois das grandes lutas coloniaes quando o Maranhão e Pará proclamaram sua independencia constituindo Estados livres do resto do Brazil, aportou em nossas plagas em março de 1624 o governador nomeado para assumir a nova direccão Francisco Coelho de Carvalho, Fidalgo da casa real, trazendo em sua companhia Frei Chistovão de Lisboa, Commissario do Santo Officio e Visitador Ecclesiastico.

Este religioso da Ordem dos Capuchinhos de Santo Antonio proseguio, após sua chegada, com esmerada solicitude a edificação do Convento começado em 1614 pelos religiosos franceses dos quaes era prelado o Frei Claudio d'Aberville, bem assim a fundação da Igreja, antiga capella, para as orações do culto sagrado.

Tendo de se retirar para o Pará onde foi ocupar outros cargos ecclesiasticos, deixou como substituto o guardião Frei Antonio da Trindade.

O convento, vastissimo, de excellentes

acommodações e bem situado, possuio, uma grande cerca arborizada onde havia um manancial corrente que ainda existe o qual como fonte publica que era, foi disputado pelos religiosos e os moradores do bairro, disputando uns e outros os seus direitos.

Dessa cerca partio a revolta de 1684, com mandada por Manoel Bekmann no intuito de depôr o capitão-mór Balthazar Fernandes e expulsar os padres da companhia de Jesus.

Episódios bastante curiosos se deram nesse Convento e muitos d'elles se acham narrados por habeis historiadores entre elles o Dr. Cesar Augusto Marques no seu «Diccionario Historico Geographico», porém outros factos importantes ainda se acham em duvida, talvez por falta de dados precisos.

A Historia registra que nesse Convento houve um celebre processo instaurado contra as formigas pelos religiosos de S. Antonio. Teve logar o autoamento pelo escrivão do ecclesiastico em 19 de Julho de 1714. As formigas foram acusadas perante o tribunal que instituiram, pelo crime de furto,--por que iam escandalosamente subtrahir do selleiro da communhão o que guardavam os frades para o seu sustento.

O convento foi depois de longo tempo decahido, perdendo os frades, ficando sem recurso, até que em 1856 veio do Pará, Fr. Vicente de Jesus, sacerdote intelligent e operoso, que de novo emprehendeu as obras do templo dando-lhe a fórmā que hoje tem.

Falleceu em 1862 vendo em grande parte satisfeito o seu ideal.

Fr. Ricardo do Sepulchro, maioral da Ordem, o sucedeu, continuando esperançoso os mesmos trabalhos á custa dos fieis, e por ultimo impetrando a Assembléa Provincial o auxilio pecuniario de que necessitava. Bem acolhido o seu pedido foi por vèzes votada diferentes verbas.

A 17 de Janeiro de 1867, chegou a nova imagem de Santo Antonio importada de Braga por alguns negociantes, todos portuguezes, cujos nomes começavam por Antonio. Conduzida à Cathedral, á tarde saiu em solemne procissão, percorrendo ás principaes ruas da capital até á Igreja de sua invocação. Desta data em diante começou a ser glorificada em tempo proprio (13 de Junho) com pomposos festejos a imagem d'aquelle Santo.

Empossado da Diocese o illustrado Bispo D. Marcos Antonio da Silveira, installou no Convento a 17 de Abril de 1838 o seminario episcopal ou seminario maior, destinado principalmente aos que se propunham á profissão sacerdotal.

Esta casa de instrucção obteve excellente resultado, sendo mais tarde ampliado o ensino com seis cadeiras do curso theologico sustentado pelos cofres publicos.

Com a morte do ultimo frade e por concessão do Governo Geral passou o Convento ao dominio do Bispado.

A Igreja que por largo tempo conservou-se rebocada, foi, ha perto de 20 annos, mandada caiar e fazer outros grandes reparos, estendendo-se tambem ao Convento, onde já se achava residindo o Monsenhor Dr. João Tolentino Guedelha Mourão, que muito interesse tomou pelas obras.

Hoje, sem mais auxilio do Governo, têm alguns sacerdotes do clero á custa de seus esforços, mantido com zelo e singular dedicação, tanto o templo como o convento que lhes serve de morada.



RUA DO SOL

Rua do Sol

A vista junta mostra a rua do Sol na sua extensão comprehendida desde o Largo do Carmo até à rua de Santa Anninha, que passa em frente á praça Deodoro da Fonseca, conhecida por Largo do Quartel, seu primitivo nome.

E cortada pelas ruas do Ribeirão, Cruz, S. João, Flores, Craveiros, Mangueira, Mucambo e S. Rita.

Seu aspecto é agradável; nella acham-se situados diversos edificios, lojas de modas e armazens.

Destaca-se na photogravura logo em principio o Theatro S. Luiz, actualmente em reconstrucción.

Seu calçamento é de parallelipipedos, é um dos melhores que tem a cidade.



CAES DA SAGRACÃO

Caes da Sagração

Um dos logares mais dignos de nota, que possue o Maranhão é, sem duvida, o Caes da Sagração, não só pela variedade de vista, como porque offerece as condições mais apropriadas para um passeio publico dos melhores.

Fica situado n'um plano inferior ao da cidade, do lado que olha para o norte, medindo de extensão actual, cerca de 1000 metros, garnecido de muralha com parapeito que supпорта um entulho de areia muito alva, extrahida da desobstrução do ancoradouro, contando um metro pouco mais ou menos, sobre a preiamar.

Desde os tempos coloniaes que houve projecto de um caes a partir do forte de S Luiz para a praia das Mercez, no intuito de desobstruir o porto cuja profundidade ia diminuindo pela enorme accumulação de areias, de forma a não poder mais fundear embarcações de grande calado.

Semelhante projecto não se realizou, continuando, porém, a attrahir a attenção geral, até que em 1841 o Dr. João Antonio de Miran-

da, quando no governo provincial, attendendo o exposto, e tendo mais em vista não só o embellesamento da cidade, como ainda para evitar o esboroamento da barreira onde está assentada a praça do Palacio, devido ás marés que ali penetravam, e em beneficio da salubridade publica pela exhalação putrida de charcos, resolveu dar começo à grande obra que partindo do baluarte fosse terminar no largo dos Remedios, direcção opposta á que foi primitivamente delineada.

Principiou o serviço no citado anno de 1841, por occasião dos festejos em honra á sagração de D. Pedro II, sendo incumbido da planta e do respectivo orçamento o capitão do corpo de engenheiros José Joaquim Rodrigues Lopes que tambem ficou encarregado de sua execução até 1845.

Acreditamos que, devido ao dia assinalado em que iniciou-se o trabalho, provem o nome de *Caes da Sagração*, hoje mudado para o de «Parque 15 de Novembro.» Esta data que

é a do advento da Republica Brazileira, com quanto muito honrosa, não exprime a tradição historica, e talvez por isso mesmo e em consequencia da designação que é impropria do logar, continua de todos conhecido pelo antigenome.

A photogravura junta, apresenta-o n'uma das areas mais espacosas, d'onde destaca-se no alto, além de outros predios entremeados de arvoredos, o Palacio do Governo pelo lado do fundo, como que debruçado nas suas muralhas a fitar o Bacanga e o Anil, esses douis bellos rios que se abraçam bem em frente. Abaixo, que é um dos trechos do littoral bem interessante, realçam diversas casas e chalets com bonitos jardins, à direita; em seguimento á parede, veem-se douis banheiros de propriedade particular convenientemente dispostos a receberem choques do mar.

Tem tido a obra do Caes da Sagrada algumas interrupções e gasto não pequena somma dos cofres.

O capitão de engenheiros Rodrigues Lopes construiu 229,140 palmos cubicos de alvenaria, com 9,120 palmos quadrados de revestimento da muralha, 138,688 palmos cubicos de entulho; despendeu 27:407\$261 reis.

O engenheiro Boyer construiu 22,000 palmos cubicos contendo 3,680 palmos quadrados de revestimento; despendeu 23:000\$000 reis.

O engenheiro Vieira fez 1:236,268 palmos cubicos de alvenaria, contendo 39,868 palmos quadrados de revestimento da muralha, inclusive todas as obras internas e rampas e mais 3,642,275 palmos cubicos de entulho; despendeu 203:974\$524 reis.

Apesar do exposto, parece que a principio o serviço resentia-se do methodo necessario, se não de inteira competencia de seus encarregados na parte hydraulica em face da accusação do distinto engenheiro dr. André Rebouças, demonstrando que «depois de 24 annos, de trabalho, tendo consumido para mais de 200:000\$, apenas existia uma muralha e uma rampa fendida em diversos pontos, cercando um pantano no qual a maré penetrava todos os dias.»

Até 1883, pouco mais ou menos, as obras eram feitas por empreitada, sendo contractante o Commendador João Homem de Loureiro Siqueira, passando depois a cargo do governo geral, quando foi organizado novo plano de serviço sob a direcção dos engenheiros Drs. Francisco Gomes de Calassa e Palmerio de Carvalho

Cantanhede. Em 1885 foi encomendado à casa Priestmant Hull, uma draga com capacidade de 1600 tonelladas de areia diaria, dois excellentes elevadores, varios batelões de ferro, lanchas a vapor, carros para o aterro e outros materiaes que ainda existem. Em datas que se seguiram a essa, têm sido incumbido da obra, os engenheiros Drs. Fabio H. de Moraes Rego, Arthur de Lima Campos e Augusto Cesar de Campos.

Em 1891 a «Empreza Industrial de Melhoramentos do Brazil» destinada a executar varios contractos celebrados com o governo federal, lançou em praça a *Companhia Geral de Melhoramentos do Maranhão*, para realização dos trabalhos do caes, conservação e desobstrução de rios de que já era cessionaria, sob garantia de juros e outros favores provenientes de estradas de ferro, engenhos e nucleos agrícolas.

Publicado o seu prospecto em janeiro d'aquelle anno, foi o capital subscripto na importancia de 25:000:000\$, dividido em 125.000 acções de 200\$000 cada uma e, de novo incumbido dos trabalhos do caes, como superintendente, o Dr. Fabio Hostilio de Moraes Rego, acumulando o logar de engenheiro hidráulico para as obras do porto; e para chefe de secção

agricola que se devia reunir aos mesmos trabalhos o Dr. José Viveiros, além de outros auxiliares technicos e administrativos.

A companhia contractou com o governo da União o serviço da conservação do actual ancoradouro e realização do caes, mediante a subvenção trimestral de 100:000\$000 elevado depois a 150:000\$000, ficando com o goso pelo prazo de 40 annos, dos terrenos crescidos que poderá arruiar, edificar ou arrendar. As obras do porto estão orçadas em 4.746.633\$000, promettendo ficar o melhor do Brazil depois do Rio de Janeiro.

Acha-se outra vez á testa do serviço, o incansavel, activo e ilustrado engenheiro Dr. Palmerio Cantanhede que prosegue o serviço.

Na area aterrada que é considerável será situada uma avenida de 30 metros de largura cujo delineamento e locação acabam de ser executados, as calçadas terão 8 metros de largura e a central destinada a carrose veiculos de toda a especie, 14 metros.

Vê-se, portanto que está em via de construção um magnifico passeio publico no Caes da Sagrada que como dissemos, muito se presta para ser um dos melhores.



PONTE DO CUTIM

Ponte do Cutim

A vista que damos da Ponte do Cutim, um dos pontos mais apraziveis do Maranhão, mostra a locomotiva da linha ferrea, ao atravessa-a em direcção ao Anil.

Essa linha pertence à «Companhia Ferro Carril» que ha perto de 20 annos se acha estabelecida nesta cidade, tendo sido propriedade de particulares e de empresas.

Desde começo houve além das linhas urbanas uma outra em continuação, traçada pelo Caminho Grande que ia terminar no Cutim, junto a uma ponte, sendo todo o serviço feito por bonds de tracção animal.

Em substituição a essa e no intuito de melhorar as condições de transporte, foi realizado o plano de uma via ferrea. Partindo em frente á Estação Central estende-se ella logo depois pela antiga estrada desviando-se, ás vezes, devido não só ás sinuosidades do caminho como ás conveniencias de atalho.

Em fins de 1892 o Dr. Lecoq distinto engenheiro contractado para fazer os estudos pre-

liminares da estrada de ferro de Caxias a São José das Cajazeiras, traçou o plano da linha da Companhia Ferro Carril a pedido dos directores que então erão os Srs. Carlos F. Coelho, Dr. Tarquinio B. Lopes e Manoel José Soares.

A planta habilmente delineada pelo Dr. Lecoq marcava outro rumo á estrada, e que se deixou de pôr em execução devido a enormes embaraços e empenhos por parte de alguns proprietarios, em razão da estrada ter que cortar seus sitios e serem derribadas muitas arvores.

Reformado o projecto e feitos novos estudos, ficou deliberado sob a gerencia do ultimo director o Sr. Manoel José Soares o assentamento dos trilhos no terreno em que se acha, sendo desde logo importado todo o material para construção.

Foi mandado vir de New-York, da casa W. H. Crossman & Bro.

Os trabalhos foram iniciados pelo engenheiro Dr. Manoel R. Almeida Braga que d'ahi

a pouco tempo deixou em mão do Dr. Loureiro de Andrade, Inspector do Distrito Telegraphico, estando por essa occasião encarregado da gerencia o Sr. Marcellino Passos.

Chegados ao tradicional Oiteiro da Cruz, teve lugar a inauguração da linha, percorrendo a locomotiva até esse ponto a contento geral.

Sucedeu áquelle engenheiro o Dr. Stevenson W. da Costa a cujos cuidados ficou o serviço technico, assumindo a gerencia o Major José Lourenço da Silva Milanez. Nessa administração concluiram-se os trabalhos, ficando prolongada nova viação até o Anil.

A estrada mede $7\frac{1}{2}$ kilometros de extensão, sendo sete até o ponto que representa a nossa photogravura—Ponte do Cutim—e $\frac{1}{2}$ d'ahi até onde termina.

Em todo o percurso é marginada de arredos, colinas, sitios, chacaras, offerecendo uma successão agradavel de vistas.

A ponte de que fazemos mensão é cons-

truida de madeira e assente nas extensões, sobre pilares de pedra. Conta 50 metros de comprimento, toda garnecida de grade também de madeira.

Simples como é, compõe uma paisagem alegre e pitoresca; ella se ergue sobre o pequeno rio como encaixilhada no meio de um bosque. Ao lado veem-se viçosas juçareiras, coqueiros e outras arvores atestando a exuberância da natureza.

O rio Cutim é um dos confluentes do Anil que nasce pouco mais de uma legua ao oriente da Capital. Em 1865 a Camara Municipal mandou fazer um caminho de rodagem até a esse ponto onde ainda existe uma ponte em plano inferior a que citamos.

Dista da cidade cerca de uma legua.

Pela deficiencia de dados precisos, apesar do nosso pedido, não podemos dar uma descrição completa; a photogravura, porém que é copia fiel do que pretendíamos descrever supre perfeitamente a falta.



PALACIO DO GOVERNO

Palacio do Governo

A presente gravura é do palacio do governo.

Difícil será a pretenção do historiador em descrever os nossos edificios publicos precisando as datas de sua criação e de outros factos que se tenham ocorrido citando a respeito minuciosa notícia, não só devido ao trabalho insano e muitas vezes improposito de descobrir do fundo dos archivós, dados suficientes para um estudo completo que exponha a verdade, como também, em parte, por algum indiferentismo e até mesmo obstáculos dos que podem bem coadjuvar.

E assim que não raras vezes se nota em algumas apreciações históricas, muitas precipitações as quaes estão também em oposição uma com as outras.

Entretanto vae se registrando tudo, colorindo de melhor estylo, sem que o futuro possa contar com a certeza das tradições.

Pela escassez de tempo que dispomos, ape-

nas nos limitamos a referir o que outros têm dito, embora em controvérsias.

O Diccionario Historico Geographico do notável maranhense Dr. Cezar Augusto Marques, unico manancial, se bem que por vezes turvo, motivado naturalmente pelas circunstâncias que adduzimos, diz que o primeiro Palacio do governo teve fundação antes de 1730, não explicando, porém, onde foi o seu local. Diz mais que esse edificio de acomodações acanhadas e até impróprias para residencia dos Capitães Generaes que então governaram o Maranhão, foi mandado reedificar em 1772.

O que actualmente infere o mesmo escritor a fls. 431, foi construido em 1776, sendo governador Joaquim de Mello Povoás.

Em 22 de Setembro de 1828 foi o predio de que tratamos avaliado em 117:434\$600, mas presentemente o seu valor é muito superior, pois já em 1870 havia consumido 200:000\$ em concertos, pinturas, aceio, e outras alterações.

Parte desse edificio era ocupada pela repartição da extinta Thesouraria de Fazenda que começou a funcionar no anno de 1833 pela Lei de 4 de Outubro do referido anno que o estabeleceu acabando com as Juntas de Fazenda.

Em 19 de Novembro de 1857 esse palacio entrou em grandes reformas constituindo uma delas a mudança da entrada para o centro do edificio.

Nessa entrada foi mandado construir em 1869 um toldo, especie de alpendre, sustentado por grades de ferro e coberto de zinco, o qual ainda existe melhoradamente.

Esse Palacio desde o começo tem estado continuamente em obras, gasto por vezes enumeras sommas dos cofres publicos, tanto geraes como provincias, que eram então, só passando a pertencer, parte delle, ao governo do Estado em 1891 pelo Aviso do Ministerio do Interior n. 2205 de 21 de Julho daquelle anno, e a outra parte, pertence ao governo da União, que é onde funciona a Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional e outrora, como vimos, a Thesouraria de Fazenda.

Um palacio é sobre tudo o do governo,

deve obedecer a um plano geral de construção que revele grandeza de architectura, um estilo sempre nobre, mas se examinarmos o nosso, onde reside o chefe do Estado, veremos que é bastante simples, não repleto, nenhuma obra de merito, nenhuma arte.

Com quanto aciado depois dos grandes reparos porque tem passado, e principalmente do que ultimamente foi realizado na administração do Capitão Tenente Manoel Ignacio Belfort Vieira, ainda assim se resente de não pequenas reformas que corresponda no todo ao fim e às condições apropriadas.

O nosso Palacio do governo, representa uma casa particular com extensa correria de janellas, ou quando muito, apenas uma casa apalaçada sem gosto nem elegancia. Se até agora ainda não foi possível ao Estado a reedificação do Palacio acommodado ás condições precisas ou á edificação de outro, é questão que reputamos secundaria, e nem pretendemos apreciar nestas ligeiras linhas, mas tão somente apresentar e descrever o edificio tal qual como se acha, fazendo notar o que a nosso ver merece alguma menção.

A sua fachada é a que acabamos de ver e

que melhor dirá a nossa photogravura; quanto ao lado interno se acha mal distribuido embora de grandes proporções.

Tem 4 salas em seguimento, sendo a ultima que é a nobre destinada ás recepções. O gabinete em que os governadores dão suas audiencias fica do lado de um corredor mistico a antiga sala de jantar onde vê-se uma pequena capella com todos os paramentos em que outr'ora celebraram-se missas.

O lugar, porem, das refeições se acha hoje mudado para outro commodo que dá sahida para um terraço bastante espacoso e ventilado. Segue-se um passadiço avarandado que comunica com a cosinha e outras dependencias.

Do edificio destaca-se agradavel panorama para o mar discotinando-se toda a barra.

Ao lado funciona a Secretaria, que ocupa um vasto recinto bem distribuido.

Ha, no fundo, uma escadaria que conduz a um mirante de ventilação corrente e muito espacoso.

Possue, ao lado, um jardim que está sendo bem cuidado e um grande paleo cercado de palmeiras.

No pavimento terreo em tempo funcionou a Casa de Ordens, a Repartição do Correio e a Caixa Económica; hoje se acha a Repartição de Estatística bem como a da Policia do Porto.

A fachada que olha para o mar descança sobre muralhas assentes no terreno do Forte de S. Luiz.

Tem o edificio 47 braças e 8 palmos de frente, L. a O. e 37 de fundo N. a S.



HOSPITAL DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

Hospital da Santa Casa da Mizericordia

É sumamente difícil não só precisar a época em que foram lançados os alicerces do Hospital da Mizericordia em Maranhão como a data da instituição que lhe deu origem diante das notícias vagas e algumas até contraditorias que se notam a respeito.

O Dr. Cezar Augusto Marques pelos dados que colheu no 4.^º volume do Timon diz no seu Diccionario Historico Geographico «que a maior parte do anno de 1653 passou o Padre Antônio Vieira na cidade de S. Luiz, onde procurou também fazer erigir um hospital, e a esse intento despertou o zelo da irmandade da Mizericordia que arrecadou não poucas esmolas». Desta proposição deduz-se que a irmandade já existia anteriormente áquella data e que só depois teve logar a criação do hospital.

O mesmo dicionário confirma dizendo que a Santa Casa sem um estabelecimento proprio para receber os enfermos, de todo desamparados, mandava-os para o hospital militar, concorrendo com todas as despezas, o que aconte-

cia com os doentes accomettidos de variola que erão removidos para o lazareto do Bomfim. Só nos livros de escripturação de 1805, diz o historiographo, aparece uma pequena verba despendida com medicamentos e outras despezas do hospital de caridade, o que faz suppor que entre o periodo decorrido de 1653 a 1805, foi instituido o estabelecimento.

Em 1864 administrando a esta então província o Dr. Ayres do Nascimento, nomeou uma commissão para examinar o estado da Santa Casa da Mizericordia, cujo resultado ainda que pouco satisfactorio, dá-nos também uma idéa da instituição. Depois de largo e desmediado trabalho da dita commissão em revolver o arquivo todo desordenado pôde enfim elaborar o seu relatorio que apesar do empenho havido, não logrou ser completo, taes foram as faltas e omissões encontradas na escripta.

Diz a 1.^a minuta para o relatorio publicada no jornal «Paizo», n. 39, que - à vista da acta de 4 de Fevereiro de 1830, foi creada a instituição

da Santa Casa pelo alvará de 3 de Dezembro de 1622.

Pedro da Cunha e seu filho Manoel Rodrigues de Castro, herdeiros de Pantaleão Rodrigues de Castro, que edificou a igreja de S. Pantaleão, fizeram doação por escriptura publica de 14 de Julho de 1793 da dita igreja á Santa Casa da Mizericordia para nella e seu territorio estabelecer o hospital com a invocação de S. José. Ao que parece foi depois desta data que fundou-se o primeiro hospital de caridade n'esta cidade, adequado ao fim a que se propunha. Em todo caso não ha uma opinião segura a tal respeito.

E certo, porém, que devido a grandes donativos e suprema dedicação de illustres maranhenses, estabeleceu-se e conservou-se por longo tempo o hospital na casa em que hoje é destinada aos meninos expostos, mistica á referida igreja.

A Santa Casa foi administrada por mezas electivas até 31 de Dezembro de 1850, e depois por mezas nomeadas pelos presidentes da Província, em virtude da Lei n.º 284 de 3 de Dezembro de 1849. As eleições eram feitas no dia de Santa Izabel, 2 de Julho, e terminava a in-

vestidura dos respectivos cargos no dia de S. Lourenço, 10 de Agosto do anno seguinte.

Semelhante instituição não só acudiu à pobreza, ministrando-lhe na enfermidade de todos os recursos de que dispunha, como ainda promovia o seu enterramento tendo para isto um cemiterio no largo de Palacio que depois em 1791 foi mudado para os fundos do terreno da igreja de S. Pantaleão.

Com a funesta epidemia de variola que assolou no anno de 1855, ficou o dito cemiterio cheio a não comportar mais sepulturas, sendo imediatamente auctorizado a compra de outro, o que se effectuou em Setembro do mesmo anno.

Sendo certo a somma de benefícios que tão alta instituição dispensava á classe desfavorecida, e acreditado o hospital de maneira incontestavel, forão faltando os commodos precisos para a quantidade de doentes que mantinha.

A meza administrativa, á vista do que se passava, resolveu comprar outro terreno no intuito de edificar novo estabelecimento com as accommodações necessarias. Esse terreno foi o da rua do Norte onde se acha o actual hospital que representa a nossa gravura.

Para essa aquisição entre outros, bastante concorreu o Dr. José da Silva Maia com o seu reconhecido prestígio e valimento.

Foi reconstruído pela maneira em que está no anno de 1874, sendo Provedor o Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro; faziam parte da comissão fiscal os Srs. Alexandre Collares Moreira, João José Fernandes Silva e João da Matta de Moraes Rego; eram mezarios os Srs. Antonio Telles de Berredo, Manoel G. Ferreira Nina, José Maria de Freitas e Vasconcellos, Raymundo J. Pereira de Castro, Eduardo A. M. Rego e Fabio Alexandrino dos Reis Quadros.

Muitíssimo trabalharam para o bom conceito e elevação desta Casa os dois irmãos Adriano e Manoel Godinho não poupando nenhum esforço no desempenho da causa.

A edificação é de um estylo moderno, bastante sólido e feito sob as melhores condições hygienicas.

Tem dous planos,—o superior e o terreo. Neste, á entrada, depara-se com o vestibulo espacoso, todo ladrilhado, dando ingresso aos seguintes compartimentos:

A' esquerda, a pharmacia que está montada com todos os medicamentos essenciaes; em se-

guida, a porta que conduz por um corredor à enfermaria destinada ás mulheres, mais adiante um salão bem proporcionado onde permanecem os alienados; á direita fica a secretaria muito bem organizada. Ao vestibulo segue-se a escada que tem um primeiro lance central, terminando n'um patim, d'onde partem dois lances lateraes. No pavimento superior, em frente á escada acha-se a sala das sessões, pendendo nas paredes os seguintes retratos:

Commendador José Gonçalves da Silva que deu as alfaias para o ornamento da igreja e outros arranjos para o hospital, e por sua morte deixou ao mesmo 20:000\$000.

Tenente-Coronel José de Carvalho que deixou dous terços da meação liquida e por liquidar, no valor de 40:000\$000.

Dezembarquador do Paço, Dr. Antonio Rodrigues Velloso d'Oliveira, Provedor e Creador do hospital, Capitão-General Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, Provedor e Bemfeitor da Santa Casa; Capitão-General Antonio Salданha da Gama, Provedor e Protector da mesma.

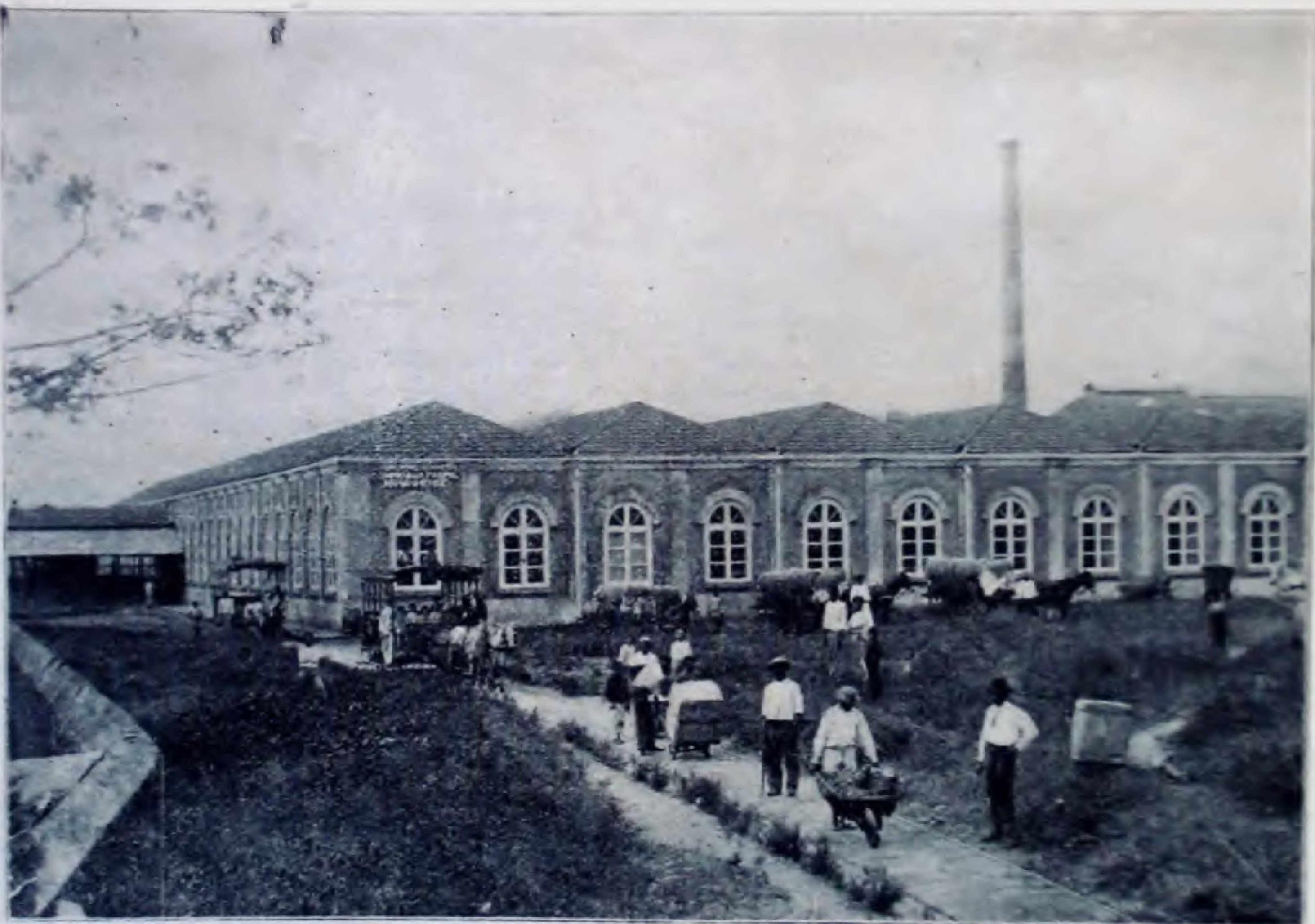
Ao lado d'aquelle sala rasga-se uma porta que dá entrada a uma pequena capella decorada com todo esmero; do outro lado está a alcova

em que residem as irmãs de caridade, sob cuja direcção estão os doentes.

Fóra passa um corredor que se alonga á esquerda com duas distribuições para enfermarias; a 1.^a é a da medicina, conta 24 camas; a 2.^a

de cirurgia, com 22 camas. São todas dispostas para homens e sob a invocação de S. Cosme.

Tal é rapidamente o esboço do edifício que damos à apreciação dos nossos leitores.



FABRICA SANTA ISABEL

Fabrica Santa Izabel



A Fabrica S. Izabel é uma das maiores que pos-
sue o Estado, foi installada no dia 1º de Junho de
1891 sendo seus directores encorporadores os Srs.
Carlos Ferreira Coelho, Crispim Alves dos Santos,
Apolinario Jansen Ferreira e Candido José Ribeiro.

A montagem da fabrica foi realizada sob a
direcção do ultimo desses directores que com
memorável solicitude prestou à companhia re-
levantes serviços.

Em 30 de Junho de 1893 teve logar com a
devida solemnidade a inauguração, funcionan-
do já por essa occasião 160 teares.

No anno seguinte deixou a directoria o Sr.
Candido Ribeiro, sob cuja gerencia estavão os
trabalhos, succedendo-o o Sr. Joaquim Francis-
co dos Santos que ocupava o logar de 1.º sup-
plente na directoria.

Em Março de 1896 forão reformados os es-
tatutos dando nova organisação á Companhia.
Sua administração passou então ao Sr. Crispim
Alves dos Santos que actualmente dirige esse
importante estabelecimento industrial.

Devido á reconhecida proficiencia de tão
digno capitalista tem a fabrica prosperado gran-
demente; sua esmerada dedicação pela ordem
do trabalho e a actividade que desenvolve, tem
conquistado para a companhia o maior credito
possivel.

Presentemente trabalha 420 teares, cujo
numero, em breve, será elevado a 460. Produc-
sio branco e tinto, simples e torcido, riscados,
brins, oxfords, gangas, lonas, cazemiras de algo-
dão etc., etc.

Seu pessoal é de 700 operarios. Desde a
montagem está incumbido das machinas moto-
ras e da officina mecanica, o habil profissional
João Leite do Rego Meirelles.

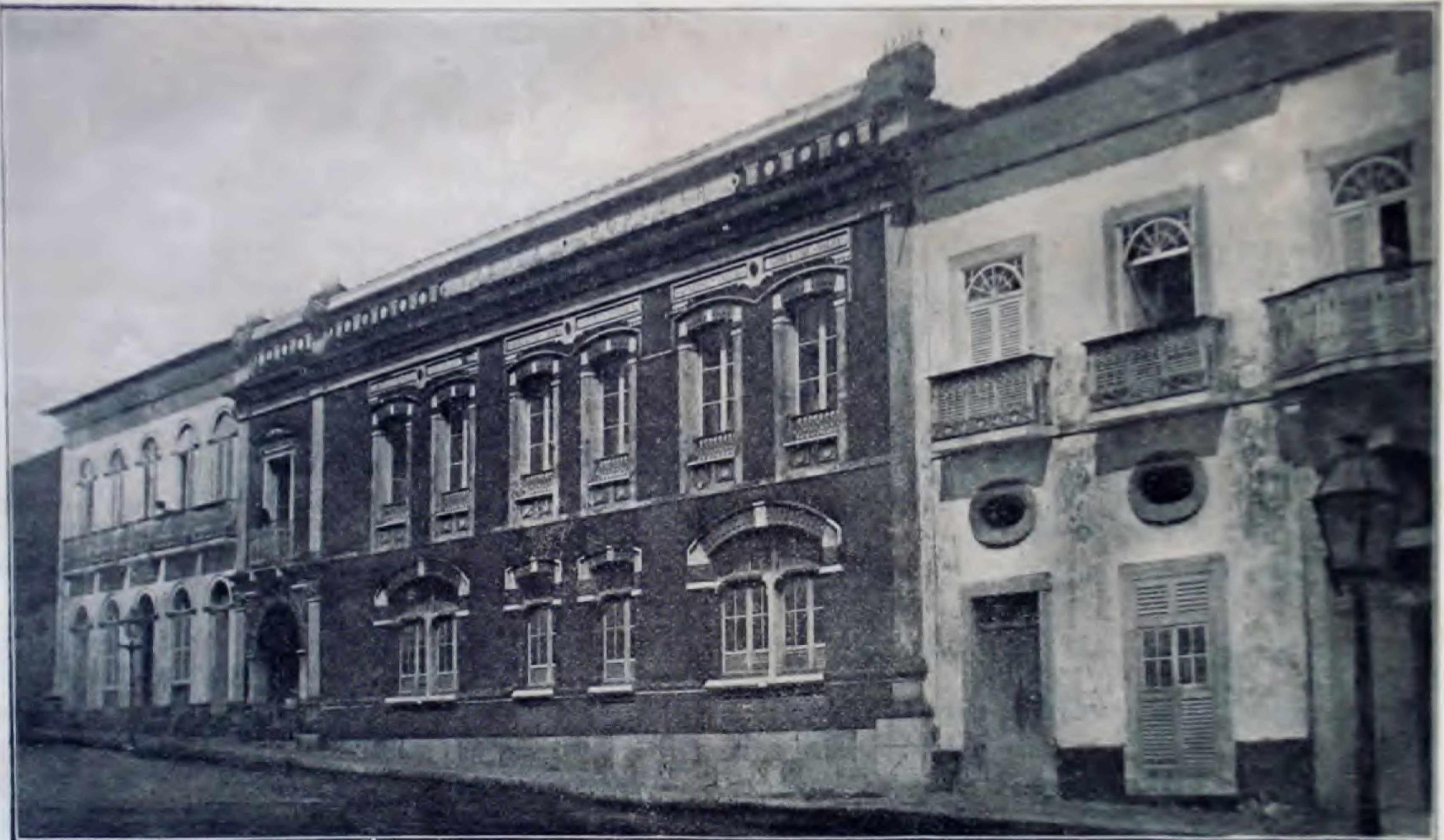
Em principio do corrente anno foi addicio-
nada á industria propria da fabrica, uma ma-
china de fazer gelo, para cuja venda diaria tem
um bem armado kiosque no centro da cidade.

Alem dos vastos salões bem distribuidos e
destinados ás machinas de tecer e fiar, escripto-
rio, depositos etc., etc. acha-se agora, em seguida

á fachada principal do edifício, construindo novos salões bastante largos para aumentar a secção dos teares e de outras que são necessárias.

O capital primitivo foi de mil contos de

réis, dividido por 1.000 acções de cem mil réis cada uma, mais tarde foi elevado a mil e setecentos contos de réis, e dividido por 1.700 acções.



ESCOLA POPULAR ONZE DE AGOSTO

Escola Popular Onze de Agosto

O edificio da Escola Popular Onze de Agosto constitue um dos mais notaveis do Maranhão pelos duplos fins a que tem sido destinado.

Devido à iniciativa e constantes esforços do Dr. João Antonio Coqueiro, sempre animado dos melhores sentimentos, encorporou-se nesta capital uma sociedade no intuito de fundar um estabelecimento de ensino publico. Alem de outros salientaram-se na empreza os Drs. Almeida Oliveira, Martiniano Mendes Pereira e Major José Nepomuceno Frazão, cuja diligencia e dedicação se tornaram inexcediveis.

Diversos cavalleiros de nossa sociedade correspondendo o appello d'aquelle dignos cidadãos, e inspirados no mesmo interesse, não regatearam auxilos, concorrendo com donativos, alguns de bem alto valor, merecendo em attenção a taes beneficios serem agraciados pelo governo imperial com titulos nobiliarios e condecorações.

A escola foi installada n'uma das casas á rua dos Afogados desta cidade, a qual sem ac-

commodações precisas, teve em breve de suspender as aulas que já ião funcionando regularmente.

Os infatigáveis emprehendedores de tão alevantado commettimento cada vez mais fortalecidos na idéa generosa que os prendia, resolveram comprar ou edificar um predio adequado ao fim.

Realisaram o projecto comprando o sobrado situado á rua do Egypto em que residia o Dezembarquador Coutinho, sendo desde logo reconstruido com todos os commodos que eram necessarios.

Foi na presidencia do Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro que, acolhendo sempre com merecido applauso semelhante projecto e prodigalizando todos os meios que lhe eram dados, tiveram começo os trabalhos sob a administração do habil architecto Agostinho Autran, ajudado em grande parte pelo promotor da idéa.

Em pouco tempo ficou construido o novo edificio que nada deixou a desejar, reabrindo-se

as aulas de diferentes cursos já iniciados e creando outros.

O ensino era feito sem remuneração e á noite para que a classe laboriosa ocupada em outros misteres durante o dia, também podesse se utilizar sem dificuldade. Leccionava Grammatica nacional o Sr. Joaquim Teixeira de Souza,—Arithmetica, desenho e construção, o Dr. Manoel Jansen Pereira,—Geometria applicada ás artes, o Dr. João Antonio Coqueiro,—Historia Geral, o Dr. A. Jansen de Mattos Pereira.

Essa bella instituição promettia muito; seu professorado era o mais habil e idoneo possível, no entretanto como todas as cousas do nosso Maranhão—não sabemos porque—cahio em esmorecimento e abandono.

O edificio como se vê, é de um estylo moderno, sem distincção especial, proprio das casas situadas nos arredores de Pariz. Tem 2 pavimentos o terreo e o nobre.

No primeiro, está a sala nobre, cujas paredes são estucadas com muita perfeição, notando-se no alto, em forma de cercadura pelo entabamento que a guarnece, nomes de homens celebres em todos os ramos do saber.

Contiguo a esta sala, ha outra de igual ta-

manho que dá sahida para a varanda toda rotulada. Depois de um pequeno corredor lateral abre-se ao fundo um salão com paredes ornadas de pinturas a óleo.

No segundo pavimento logo á entrada, ao lado direito do vestibulo, rasga-se uma porta que conduz a diversos compartimentos, seguindo-se um salão bastante largo, aberto em arcos com sahidas para um avarandado.

O todo do edificio é elegante, e, segundo opiniões de competentes, construído não só com muita solidez como subordinado ás exigencias da arte.

No lado externo destacão-se nas paredes, sobre as janellas, os seguintes nomes de maranhenses illustres que souberam honrar o berço: —Odorico Mendes—Sotero dos Reis—Gonçalves Dias—João Lisbôa—General Falcão—Gomes de Souza.

Tendo a «Sociedade Onze de Agosto» deixado de funcionar e estando o predio arruinado, o Dr. José Manoel de Freitas, então Presidente da Província, dando execução ao § 11 da Lei n. 1155 de 5 de Setembro de 1876 mandou que fosse indemnizado os credores da dita sociedade passando o referido predio a ser proprio provin-

cial. Nelle montou a Biblioteca Publica e restabeleceu a aula nocturna de primeiras letras nomeando para regel-a o professor Raymundo Joaquim Cezar. Esta aula teve começo desde 1.^o de Agosto de 1882 com uma frequencia media de cem alumnos, constantes de operarios das fundições, aprendizes de alfaiate, marcineiro, sapateiro, etc., etc.

A Assembléa Legislativa Provincial que celebrava suas sessões no consistorio da Cathe-

dral, cedido pelo Bispo da Diocese, resolveu por falta de commodo e espaço necessario, a sua transferencia para o edificio mencionado, onde continuou, tendo para esse fim effectuado alguns reparos indispensaveis.

Hoje funciona ali no pavimento superior o «Congresso Estadual», e no pavimento terreo a Repartição de Hygiene e a Escola Publica da 1.^o districto.



LARGO DO CARMO

Largo do Carmo

A presente photogravura representa o Largo do Carmo.

E' uma das bellas praças do Maranhão onde existe o convento de N. S. do Monte Carmello e respectiva egreja.

Mede ao N. 71,50, ao S. 42,00, ao E. 173,25, ao O. 180,00.

Offerece uma vista agradavel pelo seu vistoso arborisamento dentro de uma pequena extensão no local mais transitado da cidade.

E' ladeado por differentes ruas, passando em frente a linha de bonds da Companhia Ferro Carril. Acha-se collocado no centro um chafariz cercado de gradeamento de ferro onde se realiza diariamente a venda d'agua. Realçam de todos os lados excellentes predios e estabelecimentos commenciaes.

Este largo è bem notavel e seu nome se acha ligado aos annaes de nossa historia porque foi nelle que, em 1643, se operou o grande combate entre os hollandezes em numero de 1400 homens e as tropas portuguezas que afinal venceram.

Depois disso, em 1815 foi levantado nesse largo um pelourinho formando uma bella columna de marmore torcido, encimada por uma lança.

A camara municipal de 1863 dirigo um oficio ao presidente da provincia comunicando ter resolvido remover o pelourinho para a praça da cadeia porque estava mal collocado e impedia o transito publico.

Em resposta declarou o presidente que não podia assentir em semelhante resolução, porque alem da despeza inutil que se faria, importando pela natureza da obra, em uma perfeita demolição, a ella se oppunha o aviso de 28 de Junho de 1883, sendo alem disso o pelourinho um proprio nacional que só poderia ser alienado por qualquer modo em virtude de autorisação do poder geral legislativo.

O aviso a que se referia essa resposta, foi dirigido á camara municipal de Cabo Frio quando projectou igualmente demolir o seu pelourinho por ser a sua conservação contraria ao governo

adoptado no Imperio e só proprio dos costumes barbaros. O citado aviso mandava conserval-o emquanto, por alguma deliberação do poder competente, não fosse autorisado a destruição dos que existissem no Imperio, cumprindo que se abandonasse a idéa de terror e de escandalo, a que, desde remotas épocas, não tinha outro destino mais do que indicar ser a povoação em que está collocado, revestida de caracter de cidade ou villa, cabeça de um termo, sede principal das autoridades policiaes, encarregadas de administrar nella a justiça.

Por varias vezes ainda a camara insistiu no dito projecto sendo sempre tolhida.

Em 1890, depois de proclamada a Republica, sob administração do Governo Provisorio foi no dia 22 de Novembro destruido o pelourinho precedido por um discurso pronunciado entre acclamações do povo pelo distinto advogado Dr. Paula Duarte, um dos membros d'aquele governo, lembrando que esse monumento era um symbolo da tyrannia onde outr'ora, no regimen decahido, surravam-se os escravos.

O Largo do Carmo que outr'ora foi um pequeno mercado ou feira para diversos negocios, hoje é uma praça alegre e attrahente como expressa a photogravura.

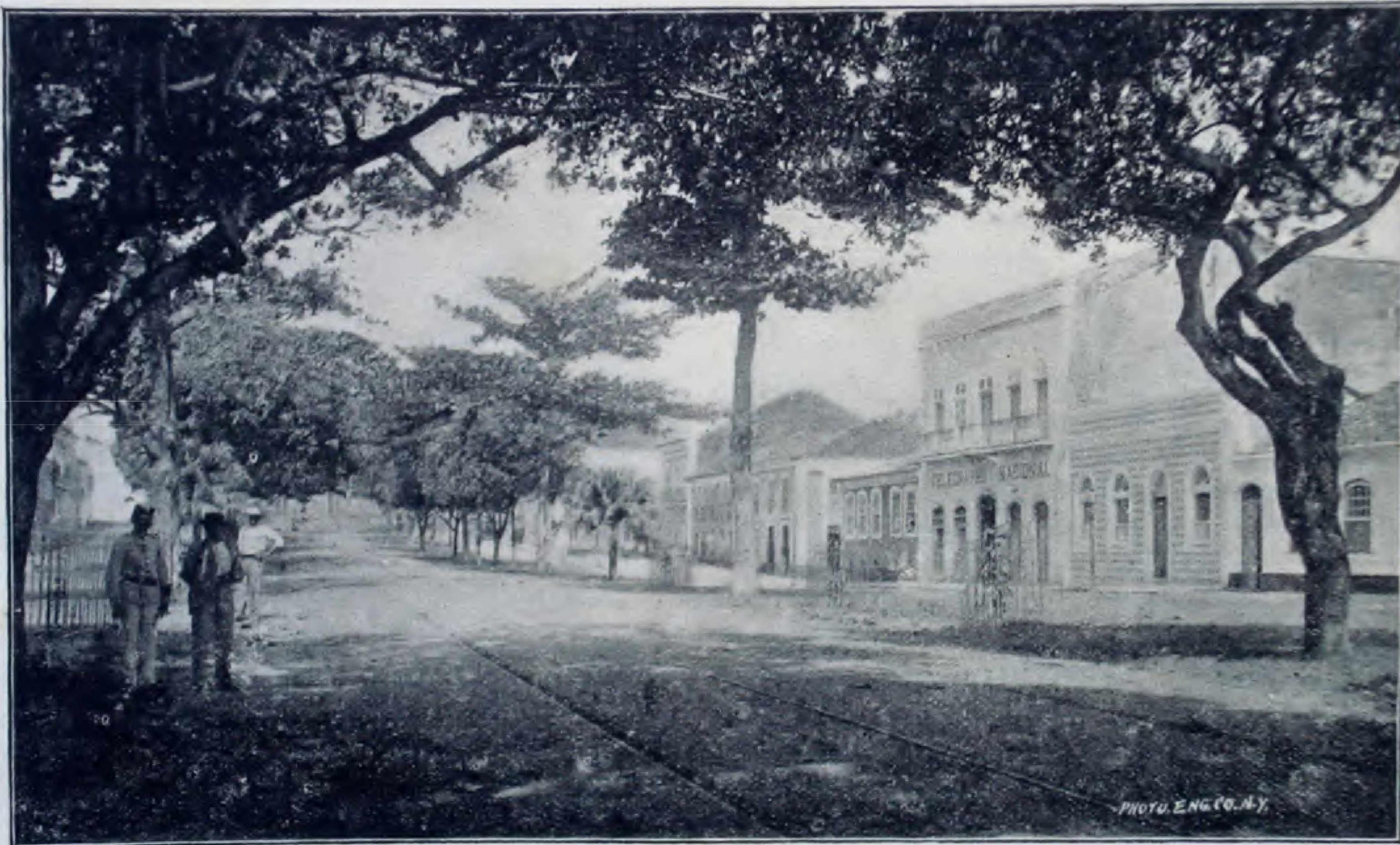


PHOTO. ENG CO. N.Y.

LARGO DE PALACIO

Largo de Palacio

Expressiva e attrahente é a photogravura do Largo de Palacio revestido do bello arborisamento que ali se estende em duas linhas longitudinaes formando uma avenida.

Em tempos existio neste largo a egreja da Mizericordia e umas casinhas adjacentes de propriedade da mesma instituição, as quaes foram compradas em 1755 na administração do Governador Joaquim de Mello Povoas e depois mandadas arrazar juntamente com a egreja cuja mudança propoz o dito Governador, para assim tornar mais espacoso e alegre esse logar.

Ainda nos tempos coloniaes, houve nesta praça um bonito jardim que, depois de proclamada a independencia, foi por intolerancia politica destruido para não recordar uma obra construida no governo portuguez.

Por occasião do anniversario natalicio do Imperador D. Pedro I, data quando foi acclamado, e para solemnizar o reconhecimento da independencia do Brazil pelos reinos de Portugal e Algarves, lembrou o presidente da provincia á

camara municipal um festejo, digno do notavel acontecimento, o qual consistio principalmente em ser levantado ahi, nesse largo, um edificio assobradado, assente sobre pilastras da ordem dorica, imponente e muito luxuoso, chamado *Galeria de S. Pedro de Alcantara* e conhecido pelo povo com o nome de «Barracão», onde se realizou a sessão magna adequada ao dia, seguindo-se após, outras manifestações de regosijo.

Foi desmanchado em virtude de protestos da parte dos proprietarios, moradores n'aquelle logar, temendo incendio que se podia dar por se achar a galeria a sota-vento.

A arborisação do largo, foi mandada fazer em diferentes épocas. A primeira realizou-se na administração provincial do Commendador Antonio Joaquim Alves do Amaral, sendo incumbido o Capitão José Valente Cordeiro; a segunda, no tempo do Conselheiro Benevenuto Augusto de Magalhães Taques, sendo encarregado o Major Ignacio José Ferreira.

Desta época existem presentemente muitas

arvores ainda viçosas enquanto que d'aquella, dentro em pouco desappareceram, não chegando algumas a crescer. Hoje continua ser esse serviço tratado a cargo do municipio que capricha em conservar e melhorar no que pode.

Neste largo realçam dos lados, diversos edificios publicos e particulares; nelle se ergue a Intendencia, onde tambem funciona a Camara Municipal; o Palacio do Governo; a Delegacia Fiscal a Capitania do Porto; a Escola de Aprendizes Marinheiros e a Repartição dos Telegraphos do Estado.

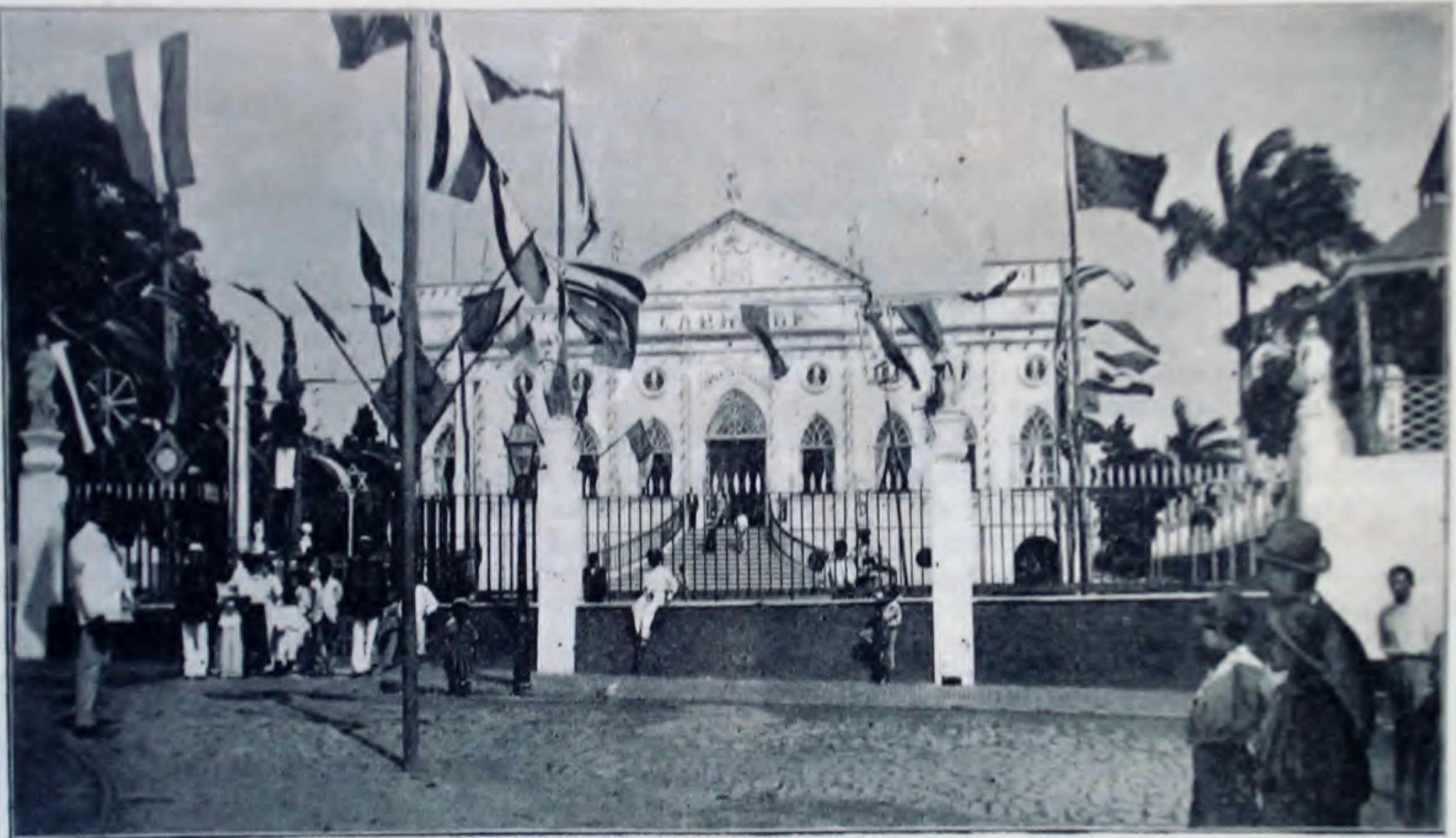
Em frente acha-se erecta a egreja da Sé que serve de parochia de N. S. da Victoria. Ao lado nota-se derrocado pelo tempo o Palacio que se estava construindo para a residencia do Bispo Diocezano. Restam apenas algumas das

paredes principaes já bastante arruinadas, tendo tudo mais, desabado aos poucos.

Os bonds da Companhia Ferro Carril estendem suas linhas em duas direcções, uma que vai ter ao meio do largo alongando-se logo pelo centro da avenida até ao seu extremo que é a estação terminal, d'onde volta ladeando a direita do largo, em linha pararella com a outra.

Entre os predios particulares, destacam-se entre outros, o Hotel Central amplo e bem confortavel, os palacetes do capitalista Manoel Francisco Jorge, o dos herdeiros de João C. Lisboa, e os negociantes Almeida Junior & Comp., hoje pertencente aos herdeiros de Bernardino Lima, um dos socios d'aquella firma.

A photogravura é a copia de uma vista apanhada do lado do Poente, abrangendo quasi toda a extensão do largo.



HOSPITAL PORTUGUEZ

Hospital Portuguez

O Hospital Portuguez, da Real Sociedade Humanitaria 1.^o de Dezembro, está sob a invocação do glorioso hospitaleiro S. João de Deus.

O referido hospital acha-se estabelecido no predio de propriedade da mesma sociedade, e por ella construido, sito á rua do Passeio d'esta capital, na propriedade outr'ora conhecida por — Quinta do Monteiro.

Limita a dita quinta, a O. pela rua do Passeio; a E. pela do Oiteiro; ao S. pela do Apicum e ao N. pelas casas que pertenceram ao finado Antonio J. de Souza Maximo. A porta principal, que está no centro, á entrada do edificio, enfrenta a travessa do Monteiro, já meio transformada em um largo, pelas desapropriações ahi mandadas fazer pela Camara Municipal.

A quinta mede 105 braças de N. a S. e 31 de E. a O., ocupando uma area de 3309 braças quadradas, distribuidas da seguinte forma: pateo de entrada 187, edificio 149, parque 744, jardim 228, galinheiro 156; 1.^o plano da quinta 297, 2.^o plano 1527.

O edificio mede, na sua fachada, 100 palmos de comprimento, sobre 70 de altura. Dá-lhe entrada uma escadaria de pedra, com 16 degráos, dos quaes o primeiro tem 56 e o ultimo 13 palmos de extensão. Esta escadaria é guarnecida por elegantes corrimões de ferro, os quaes, começando no patamar, em duas columnas, vêm descrevendo, em sentido opposto, suaves curvas, que terminam no pateo, em forma de espiral, n'outras duas columnas coroadas pelas estatuas de S. João de Deus e de S. Roque, como tudo se destaca na nossa gravura.

Aos lados das escadas, dois portões com grades de ferro, dão entrada para as galerias, que correm na direcção das quatro faces do edificio, cingindo o seu pavimento terreo. Tres destas galerias, as de N., S. e E. são abertas em toda a sua extensão por espaçosos arcos; e a quarta, a da frente, recebe claridade por quatro oculos gradeados, que se acham dois de cada lado, entre os portões e a escada.

Oito columnas sustentam a fachada do edifi-

cio, duas em cada extremidade lateral formando torreões coroados por balaustres, terminam em agulha de forma pyramidal; e as quatro do centro sustentam o frontão triangular, em cujos angulos assentam perpendicularmente as estatuas da Caridade (no alto), Fé, (á direita) e Esperança (á esquerda).

No centro do mesmo frontão estão as armas portuguezas, que medem 9 sobre 7 palmos, primoroso trabalho do artista maranhense José F. Vieira Braga.

Há na frente do edificio oito janellas ogivas, bem rasgadas, e sobre cada uma dellas, a distancia conveniente, um oculo circular.

Sobre a porta principal, lê-se, em letras de tres palmos, feitas a estuque em relevo, as palavras—Hospital Portuguez—e por baixo d'estas, em algarismos de palmo e meio, a data—1869.—No alto da cimalha está a palavra—Caridade.

A parte interior do raio da frente está dividida em tres compartimentos: no que fica á direita de quem entra está a capella, singela, aceitada e appropriada; no centro o corredor, que comunica para o interior da casa, e á esquerda, a secretaria.

No interior do edificio estão as enferma-

rias, os quartos particulares, casa de jantar, rouparia, banheiros, cosinha e todas as demais dependencias de uma casa de saude bem montada.

O edificio está situado n'um terreno secco e elevado, livre por todos os lados; cercado de arvoredo, tanto da propria quinta, que tem pomar abundante e muita verdura, como das que se lhe approximam.

A inauguração do hospital—S. João de Deus —teve logar no dia 31 de Outubro do anno de 1869, anniversario natalicio do rei de Portugal, o Sr. D. Luiz I, protector da sociedade e que concedeu-lhe o titulo de—Real—; sendo, então realizada, pode-se dizer—uma das mais brilhantes festas que o Maranhão tem visto; acontecimento este que nasceu de um motivo duplamente nobre, isto é—pelos sentimentos de piedade christã e pelo patriotismo.

Com effeito, foram imponentes e extraordinariamente concorridos os festejos verificados n'aquelle dia, constando a sua descripção minuciosa, bem como da do proprio edificio, d'um volume impresso na typographia do Frias—1870, onde são encontrados importantes discursos pronunciados, poesias, correspondencias dos jornaes etc.

E' preciso notar que taes festejos não correram a espensas dos cofres da sociedade, mas tudo por conta d'uma subscripção promovida pela Sociedade Patriotica 1.^o de Dezembro, associação portugueza, então existente a que fôra creada para festejar o anniversario da restauração de Portugal e pelos serviços por ella pessoalmente prestados.

Coube a honra de proclamar a inauguração do Hospital Portuguez, mediante auto assignado pelo Bispo diocesano, D. Luiz Saraiva, que lançou a benção no edificio, pelo consul e vice-consul de Portugal, membros da Directoria e grande numero de cidadãos presentes, o Sr. Custodio Gonçalves Belchior, Presidente então da Real Sociedade.

Por occasião da alludida inauguração foram salientados, por vinte membros da sociedade, em uma manifestação escripta, os dedicados e esforçados serviços dos tres membros da commissão das obras do hospital—os Srs. José Manoel Vinhaes, Manoel Patrício da Silva e José Maria Corrêa de Frias, sendo apresentado e collocado na secretaria o retrato d'este ultimo, que passou a ser considerado como um dos socios bemfeiteiros.

Actualmente ornam a sala principal do edificio os seguintes retratos dos socios bemfeiteiros da sociedade:

Fallecidos—Antonio J. F. Guimarães, José F. Arteiro, José M. de Souza, Manoel da C. Alves Nogueira, Bento J. E. Dias, Jeronymo E. Dias, Malaquias A. Gonçalves, Francisco L. de Souza, Albino L. de Souza, José M. Vinhaes, Zacharias F. da Silva, Manoel R. de Almeida, José de A. Maia, Jacintho José Maia, Antonio J. Maia, Miguel Peixoto, Joaquim Luiz Ferreira, José M. Dias;

Vivos—José M. C. de Frias, Bernardino J. Maia, Conde do Alto Mearim, Carlos F. Coelho (presidente honorario) Domingos A. X. Braga (vice-presidente honorario).

Existem mais no logar de honra:—D. Luiz I, rei de Portugal (tamanho natural) Vasco da Gama, Luiz de Camões e Alexandre Herculano.

O capital da sociedade é de oitenta e um contos de réis.

—Elevam-se actualmente aos seguintes numeros os seus socios: Effectivos 381, remidos 54, benemeritos 40.

A sua actual administração é a seguinte:
Assembléa Geral—Presidente José Maria C.

de Frias, Vice (vago), 1.º secretario Manoel J. de Almeida Junior, 2.º dito Roberto Teixeira.

Directoria—Domingos R. da Cruz, Manoel J. A. da Costa, Joaquim E. Dias, Bernardino J. Maia, José D. de Mattos, Manoel R. Faria, José A. C. Camões.

Com a construcção do edificio de que temos nos ocupado e tantos inestimaveis serviços

que tem prestado a Real Sociedade Humanitaria 1.º de Dezembro, diremos, em conclusão, com o amestrado jornalista Themistocles Aranha, de saudosa memoria, quando fez a descripção dos festejos da inauguração do mesmo edificio: Ergueu essa associação alto monumento de fama e gloria, de patriotismo e caridade, para si, que deante della toda a phrase de louvor perde a expressão.



LARGO DOS REMEDIOS

Largo dos Remedios

Ao norte de uma das extremidades desta cidade de S. Luiz, acha-se situado, á esquerda do rio Anil, o extenso e vistoso largo dos Remedios, cercado de viçosas palmeiras que dão ao logar um aspecto pitoresco, realçando, no centro, a estatua do primeiro lyrico brazileiro Gonçalves Dias.

Ha bem pouco tempo existia neste largo a ermida de N.S.dos Remedios que lhe deu o nome, a qual presentemente acha-se em reconstrucçao.

Estes douis padrões de inolvidaveis tradições inspiraram a um illustrado contemporaneo as seguintes phrases: «E' a Arte a olhar a Fé, o canto da terra a unir-se com o canto do céo, o sentimento virgem da alma brazileira, Gonçalves Dias, a confundir-se com o sentimento religioso do passado pela Virgem Mãe do Christianismo.»

Entre todos os logares da capital e o largo de que tratamos o mais digno de nota pela situação summamente aprasivel em que se acha. Delle goza-se o bellissimo panorama da barra e uma pequena parte da cidade com suas casas entremeadas de arvoredos.

Ha quasi douis seculos era um arrabalde onde existiam algumas palhoças e uma pequena ermida engastada nos mattos, onde o povo attrahido pela crença, convergia todos os annos em romaria para prestar á santa o seu culto. Este logar chamava-se ROMEU e pertencia aos religiosos da Ordem de S. Francisco.

Em 1775, no governo de Joaquim de Mello Povoa, foi mandado abrir uma larga estrada que hoje forma a rua dos Remedios, erigindo-se nesta occasião outro templo á custa de esmolas pedidas pelo ermitão Francisco Xavier, demolindo-se a primeira.

No correr do tempo, estendendo-se mais a cidade, foi aquelle bairro melhorando até que em 1860 sob a iniciativa de particulares, teve logar o concerto da ermida já bastante arruinada, cercando-se com grades de ferro por dous lados, a praça que lhe ficava em frente e construindo-se tambem duas escadas, uma ao norte outra ao sul, que descem á praia.

Devido á tradição religiosa do passado e mesmo á crença que ainda domina no presente, as festas consagradas á N. S. dos Remedios foram feitas até 1892, quando iniciou-se a reconstrução do templo, com a maior solemnidade e veneração, acudindo gente de toda parte da ilha e seus interiores.

Com quanto bastasse sómente a igreja para enriquecer o largo já por natureza poetico e atraente, surdio a idéa maravilhosa de irrigir-se nesse logar a estatua de que fizemos menção, estatua desse poeta soberano que sem igual cantou num acorde sublime doce, vesperal, os enlevoes da alma humana.

Logo que foi divulgada a contristadora noticia do falecimento de Gonçalves Dias pelo naufragio do navio que o trazia, o Dr. Antonio Henriques Leal, projectou um monumento que

perpetuasse a sua memoria. Desde então, 1864, não mais foi abandonada esta idéa por amigos que estremeciam o finado sendo de nolar. porém, a vergonhosa mesquinhez de outros conterraneos que a recusaram peremptoriamente e até moveram guerra contra a sua realização.

Mas como os grandes commettimentos nunca se abandonam, o Dr. Henriques Leal distribuiu avultado numero de circulares dentro e fóra da provincia solicitando um óbolo para a empreza, dando assim um caracter de contribuição nacional.

Como isto não bastasse o illustrado publicista Joaquim Maria Serra, apresentou na assembléa provincial de que fazia parte, em sessão de 7 de Julho de 1865, o projecto do governo coadjuvar a obra com a importancia de 10:000\$000.

Ainda no seio desse parlamento que devia representar a vontade do povo e garantir os brios da nação, sofreu a idéa grandes embates, allegando uns a deficiencia dos cofres publicos, outros—que o verdadeiro monumento de Gonçalves Dias eram seus cantos. Depois de muito discutido foi proposta a verba de 2:000\$000 o

que deu motivo a Joaquim Serra pedir permissão à meza para retirar o projecto considerando escassa e insignificante a importancia para a patria pagar o tributo que devia ao mais dito-so de seus filhos.

A proposito desse projecto que afinal foi aceito, escreveu o Dr. Bernardo Guimarães as seguintes estropes:

Mas ó vergonha! ó crime!
Gloria, genio, infortunio, nada vale
 Ao poeta sublime
Pede o pejo e o decoro que se cale
 Tão feia ingratidão.
.....
Falsos depositarios desleaes
 Da vontade do povo
Nestes nefastos, mizerandos dias
Um simples preito ao genio recusaram
 Ao monumento de Gonçalves Dias
 Uma pedra negaram.

O Senador Luiz Antonio Vieira da Silva, querendo, por sua vez auxiliar com o prestigio que dispunha tão generoso plano, propoz na Camara dos Deputados, que se concedesse a ex-

tracção de 2 loterias em beneficio do monumento que se pretendia erguer.

Não obstante a eloquencia com que se externou e o geral acolhimento que tinham as suas palavras, houve quem se oppuzesse objectando que—as loterias constituem um jogo immoral.

Apezar de toda guerra, apezar de todos os embaraços ate mesmo por parte da Camara Municipal na concessão do terreno, a idéa triumphou, resplandeceu a idéa como o sol surgindo dentre as nuvens para illuminar o horizonte da patria.

No dia 10 de Julho de 1872, ás 5 horas da tarde, precedido das ceremonias religiosas, em face de uma multidão de curiosos e presentes as primeiras autoridades da província, teve logar finalmente o assentamento da primeira pedra da estatua, sendo collocado no alicerce por Joaquim Marques Rodrigues que muito cooperou para o seu exito, uma caixa com moedas, livros e jornaes da época.

No anno seguinte, 1873, assistia o Maranhão a inauguração da grande obra.

Escreve o Dr. Henriques Leal no seu «Pantheon» que desde a vespera, ainda velada a esta-

tua, já começava o povo a affluir para visitar o monumento.

«No dia consequente, diz elle, ás 4 horas da tarde, numerosos carros de aluguel, comboios sucessivos da Companhia Ferro Carril, traziam centenares de pessoas. Em pouco tempo estava a praça cheia. O 5.^º batalhão estendia-se em linha defronte da estatua, e formava em alas o corpo dos Educandos nos outros dous lados do immenso quadrilongo. No meio da multidão viam-se collegios de meninos com seus directores, e senhoras e cavalheiros de todas as gerarchias, etc.»

A's 5 horas, estando presentes todas as autoridades, deu-se principio á ceremonia, sendo depois proferidos muitos discursos entre aplausos levantados pelo povo.

Ante o vulto do poeta que parecia attento á multidão na sua mudez marmorea, foi recitada entre outras a seguinte poesia:

Erguendo-se nas ondas radiante
Do leito de coraes, em que jazia,
No patrio sólo eis se ostenta ovante
O genio americano da poesia !

Salve, colosso illustre, estatua nobre
Que um tal genio eterniza gloriosa,
Genio que a virgem com seu manto nobre
Afagando-lhe a lyra harmoniosa !

Em torno do pedestal illustres sabios
Que a patria se tornaram mui augustos
O silencio pairando-lhe nos labios
O poeta cortejam com seus vultos.

Vicejam sempre amenas as palmeiras.
Circundando-lhe o throno magestoso
E as ayes suas, caras, mui fagueiras
Gorgeiam-lhe ao redor de busto honroso.

Posteridade, ès minha, diga ufano
Respeite os cantos meus a patria ovante !
Do Brazil entre os vates sou soberano
Meu nome luzirá sempre brilhante !

Do alto de sua gloria o mar fitando
Digas-lhes: sepultado em abandono
A patria os seus direitos reclamando
Eis o meu posto de honra, eis meu throno !

A estatua do eminent poeta, como se vê

da photogravura, representa em seu fuste o tronco de uma palmeira, tendo por capitel as palmas.

Do primeiro degrão ao apice mede 15 metros e 50 centímetros, e do pedestal e escadaria 3 metros e 20 centímetros.

Em cada face do pedestal realçam os bustos veneraveis de Odorico Mendes, Sotero dos Reis, João Lisboa e Gomes de Souza.

A commissão encarregada das obras e aformoseamento do largo mandou plantar palmeiras em torno da estatua e abeiral-o todo com a mesma arvore.

Ao longo do gradeamento, que cerca a praça por dous lados, construiu-se de espaço a espaço, assentos revestidos de azulejos que servem para descanso a quem por algum tempo quizer gosar desse aprasivel logar.



INTENDENCIA MUNICIPAL

Intendencia Municipal

Na edição da "Revista Elegante" n.º 87 de 10 de Setembro de 1899, acha-se publicada a descrição da "Intendencia Municipal" devido á pena do Sr. José Ribeiro do Amaral. Completa e minuciosa como está, sem cousa alguma termos a acrescentar que não fosse superfluo, trasladamos integralmente para as folhas deste album.

Eis o que diz o Sr. Amaral:

Agora que por grandes e radicaes reformas acaba de passar este importante edificio, o primeiro dos nossos proprios municipaes, e actualmente, sem contestação, o mais elegante de quantos povoam a nossa capital, não virá, de certo, fóra de proposito, dizermos alguma cousa sobre a sua primitiva construcção, reedição, melhoramentos, ou reparos, porque tem passado em diversos tempos, até chegar ao estado em que o vemos hoje.

Pelo que diz respeito a sua primitiva cons-

trucção, pouco, muito pouco mesmo, podemos adiantar; que não era, porém, o edificio tal qual se conhecia ainda no começo deste século, é o que não resta a menor duvida, como melhor verão os nossos leitores dos documentos que se seguem:

Sabendo o governador Arthur de Sá e Menezes, então no Pará, do lastimoso estado, a que havia chegado a Casa da Camara, reprehendeu os vereadores, respondendo-lhe estes em 28 de Janeiro, «que lhe beijavam as mãos pela mercé que lhes fazia, da advertencia sobre a feitura da Casa da Camara, a qual deixaram seus antecessores em alicerce, e elles tinham vontade de a acabar, se a falta de dinheiro não lhes impossibilitasse as suas vontades».

Ainda nesse mesmo anno de 1689, aos 8 de Março, officiando ao sargento-mór Antonio de Barros Pereira, dizia o Senado da Camara: «A nossa obra da Casa da Camara temos tenção

de que seja de pedra até o sobrado, e por isso se trata de tirar alguma pedra que falta, e do sobrado para cima será de taipa...»

A uma representação da Camara, de data de 17 de Julho de 1773, dirigida a el-rei, na qual pedia algumas cadeiras e um cortinado de damasco para compostura e asseio das suas portas e janellas, representação esta que foi a informar a Joaquim de Mello e Povoas, dizia em 1774 este illustre governador: «Que quanto aos cortinados e cadeiras, parecia-lhe que esta despesa só se poderia fazer quando a Camara tivesse dinheiro de sobrejo, depois de se atenderem ás muitas obras publicas de que se precisavam, algumas das quaes de grande necessidade, tales como as da Cadeia e Casa da Camara, achando-se esta com toda a banda do mar arruinada.

Do que fica dito se deprehende logo que, pobre, muito mesquinho mesmo, devia ter sido o edificio de nossa Municipalidade, até aos ultimos annos do seculo passado.

Entre os annos de 1830 a 1840 (pois que não nos foi possivel precisar exactamente a data) devido talvez a reparos importantes sofridos por este edificio, esteve a Camara Munici-

pal funcionando no antigo Convento de Santo Antonio, sendo a entrada dos vereadores e demais empregados por uma porta, cujo vestígio ainda hoje se vê, então existente na parte do mesmo Convento que deita para o beco do Seminario.

Nos ultimos tempos têm-se ainda realizado alli grandes e importantes reparos ou melhoramentos.

Em 1885, na presidencia do Dr. Manoel da Silva Sardinha, foi restaurado e melhorado o edificio, correndo as obras sob a direcção do mestre carpina Basilio Antonio Sodré, já falecido. Em 1889, sob a presidencia do Coronel Joaquim Marques Rodrigues Netto, entre outros melhoramentos, construiu-se a bonita escadaria que se vê á entrada e que tão boa impressão leva logo ao espirito do visitante; e finalmente em 1892, sob a administração do Dr. José Rodrigues Fernandes, e sendo engenheiro o Dr. Francisco Antonio Brandão, realizaram-se não pequenas obras, devendo notarem-se como principaes as do pavimento terreo da Camara.

De todos, porém, quantos melhoramentos, reparos ou serviços de restauração e recons-

trucção tem sofrido este importantíssimo edifício, nenhum, força é confessal-o, pode ser equiparado à reforma radical porque acaba de passar sob a administração do actual intendente, o illustre Sr. Coronel Alexandre Collares Moreira Junior.

Espirito activo e emprehendedor, aberto a tudo o que o sentimento tem de mais elevado; carácter puríssimo, educado na escola do trabalho que nobilita, é o actual intendente sem contestação um dos homens que ultimamente mais tem trabalhado para o engrandecimento e prosperidade do município.

Auxiliado pelo distinto engenheiro o Sr. Dr. Palmerio de Carvalho Cantanhede, que foi o arrematante de todas as obras, teve o Coronel Moreira a satisfação de restituir á cidade um edifício que será sempre o padrão vivo de sua secunda administração.

Entre os numerosos melhoramentos, alli executados agora, contam-se: A reforma exterior do edifício, quer a da frente, quer a das faces lateraes, com ornamentação; as balaustradas da platebanda e as de apoio das janellas; o preparo dos quatro salões do lado direito, que estavam abandonados e que foram assoalhadós,

estucados e forrados; os concertos do assoalho e dos forros do andar superior; a substituição de todas as janellas da frente e das faces lateraes; a substituição de ripas e telhas, e finalmente a pintura geral e ornamentação interna, obras estas executadas a capricho pelo illustre engenheiro, attentas as circumstâncias do meio em que nos achamos, e aos graves defeitos da construcção primitiva desse edifício e das suas linhas architectónicas.

Aos melhoramentos acima enumerados, constantes do primitivo orçamento, temos a acrescentar ainda: O reforçamento da parede da frente e de uma das lateraes, que ameaçavam ruina, por alvenaria de tijolo; a substituição das calhas, que em alguns pontos estavam reduzidas a uma peneira, por uma outra de alvenaria revestida de cimento, sobreposta ainda por uma de cobre; a canalisação do esgoto das latrinas para o mar e a collocação de novos apparelhos; as janellas do pavimento terreo, do lado agora preparado de novo e que dão para o mar sofreram modificações, sendo rasgadas umas, abertas outras, recebendo grades de ferro, rotulas e vidraças.

Afim de aformosear ainda mais o edifício,

foi fechado o portão da frente por onde transitavam os carros de limpeza publica, derribado o muro e no logar deste collocado um gradil de ferro, sendo alem disso construida em toda a frente do edificio uma calçada de 9 metros de largura, guarnevida de pedra de cantaria e feita de concreto de cimento, o que enormemente contribue para o aspecto agradavel que offerece o edificio. Todas estas obras e muitas outras foram effectuadas com a quantia de Rs ... 36:700\$360.

Antigamente funcionavam ahi, alem da secretaria da Camara, no pavimento superior: o Tribunal do Jury; e no inferior: a Cadeia, que dahi foi retirada para o local onde ainda hoje existe, em 13 de Fevereiro de 1856; a repartição de aferição, e a typographia do Publicador Maranhense. Presentemente funcionam, no pavimento superior, as mesmas repartições, sendo o salão nobre da Camara o logar destinado para a celebração do casamento civil; e no in-

ferior, a repartição da Intendencia com todas as suas dependencias, a da Assistencia Publica e a da Aferição.

Ornam a sala das sessões os retratos dos Exm. Sr. Dr. José da Silva Maya, já falecido; Dr. Manoel da Silva Sardinha e Coronéis Joaquim Marques Rodrigues Netto e Alexandre Collares Moreira Junior, os quaes em diversas epochas presidiram aquella illustre corporação; e a do Intendente o do Exm. Sr. Dr. José Rodrigues Fernandes.

Em tempos, não muito remotos, via-se por detraz deste edificio uma capellinha, conhecida por Capella de S. Luiz Rei de França, ou Capella do Conselho ou Capella da Camara Municipal, na qual ouviam missa os vereadores antes de entrarem para a sala do Conselho. Era ella tambem destinada aos presos por satisfação dos preceitos religiosos, e nella eram assistidos em oratorio os padecentes quando houvesse execução da Justiça.



Casa Commercial de

MAIA SOBRINHOS & C.

Casa commercial de Maia Sobrinhos & C.^a

Não é fóra de proposito que damos á estampa a Casa Commercial dos Srs. Maia Sobrinhos & C.^a, porque, incontestavelmente é uma das principaes do Maranhão não só pela longa data de sua fundação como devido ao grande giro de negocios.

Teve começo em 1832, sendo seu proprietario Antonio José Maia, cavalheiro simples e de extensas relações. Em 1857 deu elle sociedade aos seus empregados Jacintho José Maia de quem era irmão e Manoel Antonio de Oliveira, constituindo assim a firma de—Antonio José Maia, Irmão & C.^a que durou até 1875, quando passou a fazer parte da casa o seu empregado Carlos Ferreira Coelho.

Em 1º de Janeiro de 1876 tendo falecido Antonio José Maia e retirando-se da sociedade Ignacio José da Silva Gomes que, juntamente com os empregados Jose de Azevedo Maia e Bernardino José Maia, sobrinhos do socio fun-

dador, fazia parte da firma desde 1869, foi por estes constituida a firma de—Maia, Sobrinhos & C.^a, para a qual entrou, em 1884, o empregado, já interessado, Pacifico Duarte Soeiro.

Por falecimento do socio chefe da casa, Jacintho José Maia, em 7 de Junho de 1889, os socios sobreviventes formaram outra firma de—Maia Sobrinhos & C.^a, hoje existente, e admittiram para a sociedade os empregados Geraldo Pereira d'Oliveira, João N. Pinheiro Barreiros e José d'Azevedo Guimarães e Vasconcellos.

Em 1891 faleceu o socio José de Azevedo Maia e desligou-se João Barreiros, substituindo-o o empregado Antonio da Costa Neves.

Em 30 de Junho de 1892 deixaram de fazer parte da firma Pacifico Duarte Soeiro e Geraldo Pereira d'Oliveira; quatro annos depois desligaram-se tambem os socios José d'Azevedo Guimarães e Vasconcellos e Antonio da C. Neves.

Eis o numero de socios que tem tido desde 1832 a casa de que actualmente são unicos responsaveis os Srs. Bernardino José Maia e Carlos Ferreira Coelho e interessados Jacintho Rodrigues da Silva Campos, Adolpho Friedheim e Luiz P. Monteiro.

O nome de Carlos Coelho, se acha vantajosamente ligado no Maranhão a todas as emprezas e companhias que se propõem ao engrandecimento da terra.

Seu socio Bernardino Maia, não deixa de cooperar com o seu valioso auxilio achando-se sempre ao lado de todas as idéas.

O estabelecimento que apresentamos em nossa photogravura não é o primitivo; em 1867 era uma venda ou quitanda de mutio negoci

e tendo como additivo uma loja de fazenda, a retalho, mas em grande escala, augmentando para isso os armazens que occupavam um pavimento terreo. Devido ao alongamento dos salões e abertura de arcos, desabou parte da casa, construindo-se então, em 1893, o novo estabelecimento, passando a commerçiar por atacado e receber consignações. Este edificio que ora se vê, de grande dimensão, é construido solidamente, sendo as suas columnas e architraves de ferro. Occupou-se de armal-as o mechanico João Meirelles.

O estabelecimento, depois de sua reconstrucção, passou a ser illuminado a luz electrica; foi o primeiro que adoptou este systema conservando-o por algum tempo.



CHACARA BARRETO

Chacara Barreto

POESIA

Depois das lides acabrunhadoras do dia no desempenho da luta pela vida, é sempre agradável quanto utilissimo que o espirito espaireça livremente na serenidade contemplativa da natureza refocillando por algum tempo um ar mais puro que alente e retempere as forças. Nenhum logar melhor, do que longe das festas, ao abrigo farfalhante das arvores que como pulmões da terra basejam o ambiente n'uma caricia branda de amor.

Entremos, leitor, n'um desses logares retirados da cidade, distante dos ruidos, á hora da tarde quando tudo é vago, tudo mysterioso.

Descancemos um pouco á sombra de uma mangueira: aqui é o sussurro melancolico da fonte crystallina onde o sol a declinar-se no ponente incide e refulge seus raios de ouro, ali, a nambú, o bentevi, a rôla turturinando no beiral do ninho, saudosa de ver seu filho implume, meigo e fragil que mal se ergue e já quer voar, em cima o céo azul, estival que se arqueia

↓ bello e sereno sobre nossas cabeças diluindo-se em rosas até que a noite venha fresca e macia beijar a fronte das arvores.

Mas que logar é este ?

Outr'ora, em tempos que morreram, aqui, este logar, leitor, era um paraíso sonhador pelos seus donos; era um sitio delicioso em que reuniam-se gentes da cidade, alegres, festivas, para passarem bellos dias em doce recreio. Se cada folha fallasse repetiria nomes, revelaria segredos. Hoje, porém, ainda que deserto d'aquellas gentes, está ainda povoadó de encantos que lhe imprime a natureza e arte humana. Este sitio, como vêdes, interessante e pittoresco, é onde se acha o manancial fertil, opulento, da Companhia das Aguas S. Luiz, com todas suas machinas e apparelhos.

Não sei que mais para admirar, se a natureza ou se a arte que aqui se contemplam, se abraçam e até parece que fallam.

A machina ruge, silva, a se fazer grande, maior que o mundo; as arvores, as aguás, o

passaredo, cantam, farfallham, sorriem como a escarnecerem de tudo.

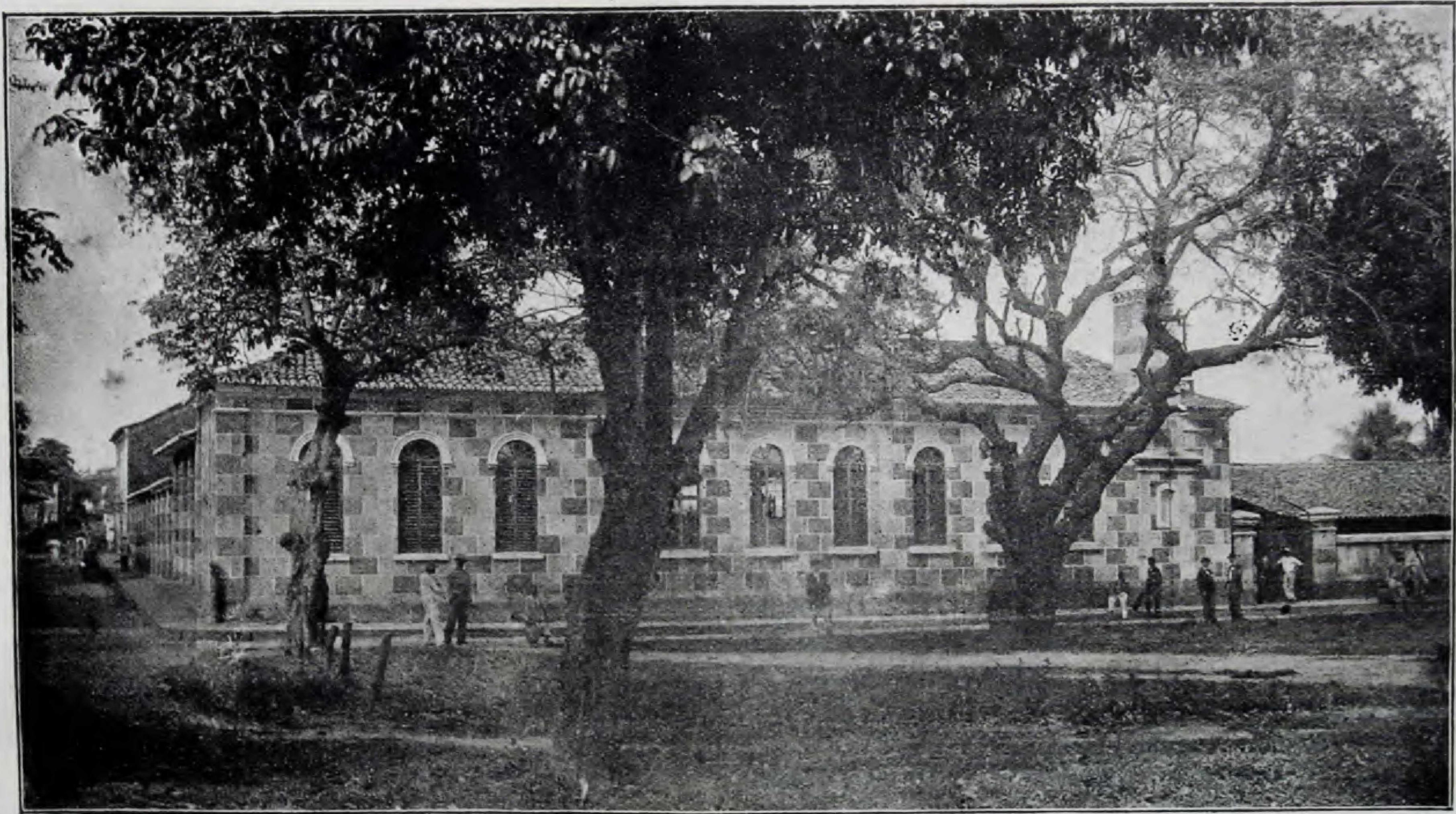
Agora, meu leitor, que tendes a idéa do logar n'um esboço rapido, prosigamos um pouco até á beira do lago sombreado de juçareiras, onde á brisa é mais fresca e escutemos o prelúdio da noite: aqui, perto de nós, serpenteia um fio d'água que se deriva da fonte e corre e vae unir-se a outro lago sonorento, junto da moita côn de chumbo, acolá, é o zumbido ferino da cigarra a porfiar com as outras na relva mole,

já humida de orvalho, mais distante o coxear das rans pelos charcos cobertos de folhas negras, e tudo, e tudo parece que então uma prece druítica ao astro que lá vem boiando no espaço—a lua, a doce peregrina do céo, branca, tocada de um rubor suave.

O céo illuminou-se; estendei o vosso olhar em todo o sitio e vede como é bello e grandioso este espectaculo !

E basta; como dois bons amigos, retiremos que já é tempo.

→ 40 pines in 16,8 m



COMPANHIA DE ILLUMINAÇÃO A GAZ—GAZOMETRO

Companhia de Illuminação a Gaz

GAZOMETRO



Estampamos em nosso album a photografia do Gazometro, estabelecimento de primeira ordem, pertencente á Companhia de Illuminação a Gaz do Maranhão.

Está edificado á rua da Cascata com a face lateral para a de S. João e a fachada principal para o largo denominado Fonte das Pedras, onde se acham plantadas diversas arvores compondo uma vista interessante.

Mede de frente, ao N 60^m,30, de lado, ao E 110^m,8 com um grande terreno ao fundo, cercado com grades de ferro, que vae ter ao mar, ponto este que serve para a descarga do carvão necessario ao serviço.

Este estabelecimento passou ha pouco tempo por sensiveis reparos, sendo as suas paredes externas estucadas symetricamente com pequenos quadros de diversas cores que fazem realçar a perspectiva.

Possue as machinas e apparelhos mais aperfeiçoados e dois depositos de gaž fornecendo por noite noventa mil metros cubicos para

a illuminação da cidade que conta hoje 700 combustores publicos, e para a de casas particulares, em numero de duas mil pouco mais ou menos.

Não podemos dizer precisamente a data em que o governo celebrou o primeiro contracto para a illuminação da capital por meio do gaz hydrogenio, mas é certo que não foi cumprido porque, segundo documentos, o Governador João Silveira de Souza, em 19 de Março de 1861, aceitou a proposta dos americanos Marcos Williams e Silvestre S. Battin, tendo antes ouvido o Tenente-Coronel Raymundo Gomes de Souza e o negociante Julio Duchemin, attenta a preferencia que lhes dava a Lei provincial 562 de 20 de Julho de 1860, que rescindio o contracto primitivo.

Ficaram aquelles obrigados a cederem o privilegio, vantagens e todos os onus do contracto pela somma de 400:000\$000, importancia que representava o fundo de capital da Companhia, dividido em 400 acções de cem milréis cada uma.

Os emprezarios comprometteram-se a realizar as obras tornando effectiva a illuminação dentro de dous annos a contar da data da approvação do contracto. Era uma das clausulas deste não fornecer gaz aos particulares por preço maior do que o estipulado para a illuminação publica, isto é, na razão de 30 réis por hora de cada combustor distribuidos convencionalmente pela cidade em numero de duzentos, com a densidade de luz equivalente a dez velas de espermacete cada um.

A collocação destes combustores era marcada pela forma que presentemente se vê—sobre columnas de ferro fixas nos passeios, ou nas paredes dos edificios.

Pelo Decreto n. 3009 de 24 de Novembro de 1862, do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, foi, a requerimento dos emprezarios S. Battin e M. Williams, cedido á Companhia de Illuminação a Gaz do Maranhão, hoje existente, o privilegio de 40 annos que gosavam em virtude do contracto firmado em 19 de Março de 1861, já citado, mediante a arrematação de todas as obras pela somma de 400:000\$000

Quatro annos depois começou o funcio-

namento da dita Companhia distribuindo a canalisação pela cidade conforme o contracto, sujeitando-se o governo a dar preferencia ao sistema adoptado, embora mesmo apresentasse outros com melhores vantagens.

Ficou estabelecido o preço de 1 lb. por 1.000 pés cubicos, e quando pagos em papel, pelo valor equivalente ao padrão monetario de 4\$000 por 1/8 de ouro de 22 quilates. Mais tarde o governo resolveu alterar este preço, tomando por base o cambio a 24^d, e ultimamente a Municipalidade por sua deliberação estipulou que estando o cambio de 18 para baixo seja cobrado pela Companhia na razão de 13\$333 por mil pés cubicos, igual a 475 réis por metro cubico, e de 18 para cima, a cambio de 24 já assentado.

Tendo de ser construido um outro gazo-metro elevou-se o capital primitivo de 400:000\$ a 550:000\$000, porém, deste falta realizar a emissão de 100 acções no valor total de 10:000\$, verificando-se conseguintemente o capital de 540:000\$000 ou 5.400 acções realizadas.

A primeira directoria compunha-se dos Srs. Henri J. Soasson, Antonio Lopes Ferreira, J. Pedro Alves Barros, Pedro José dos Santos e

Josè Ferreira de Souza Junior; gerentes:—J. M. Marques Rodrigues, Raymundo Joaquim Cantanhede, Dr. Raymundo F. Belfort Roxo e Comendador Domingos Gonçalves da Silva.

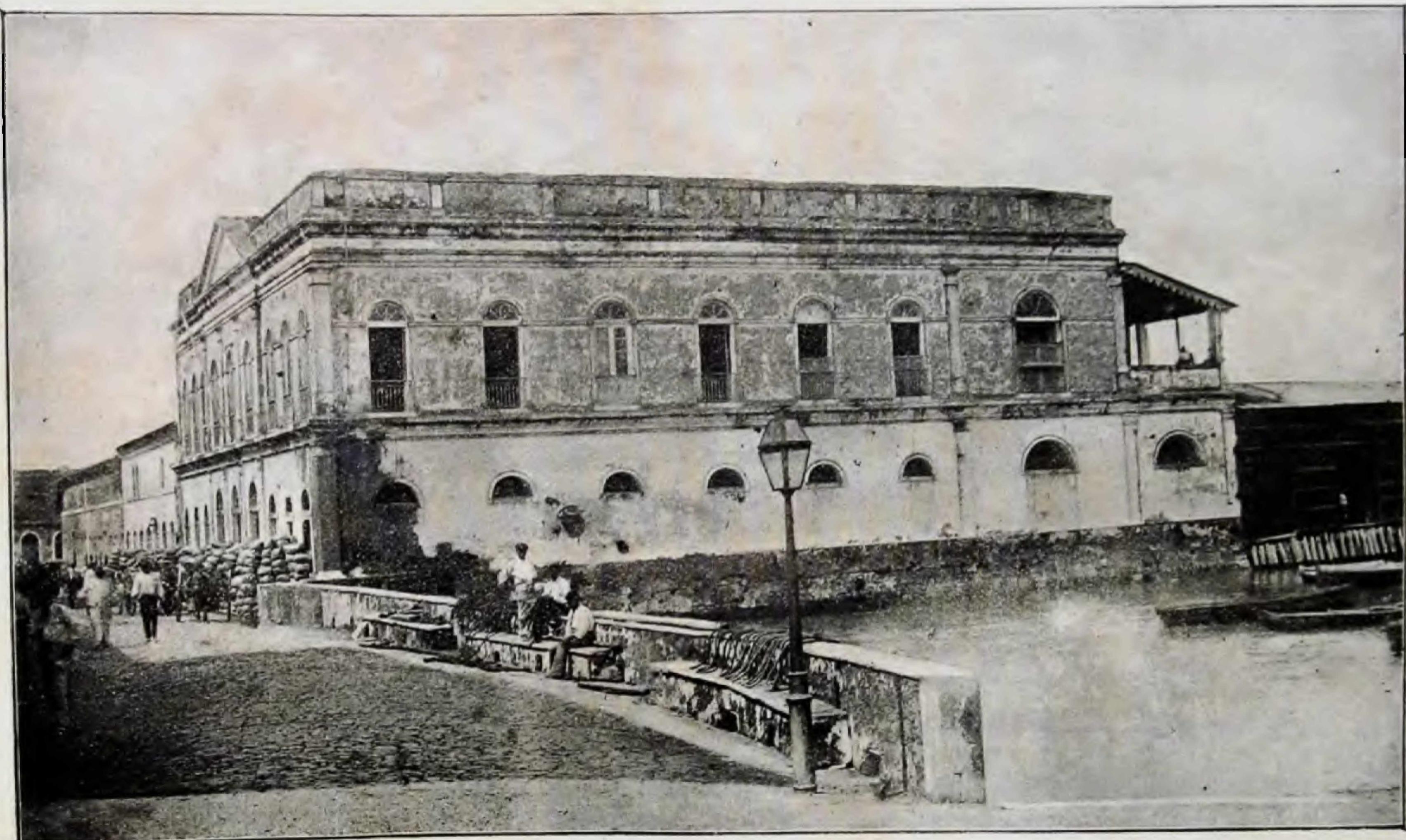
Este ultimo que occupa ha 24 annos este lugar, esteve na directoria em 1875, prestando como actualmente os melhores serviços á Companhia, nunca escasseando esforços para sua prosperidade.

No pavimento terreo do palacete em que reside o Comendador Antonio Joaquim da

Silva Leite, á rua Formosa, se acha uontado o escriptorio, tendo ao lado um grande deposito de candieiros, registros globos, lustres e outros materiaes.

A directoria presentemente é composta dos Srs. Manoel Mathias das Neves, Pacifico Duarte Soeiro e Tenente-Coronel Francisco Xaxier de Carvalho.

E' engenheiro do gazometro o Dr. Manoel Jansen Pereira, que com habilidade e reconhe-cida competencia exerce esse logar desde 1882.



THEZOURO PUBLICO DO ESTADO

Thescuro Publico do Estado

A estampa que vimos representa o Thesouro Publico do Estado, edificio adequado a esta repartição pelo logar em que se acha, suas accomodações para o expediente, distribuição de armazens e trapiches.

A fachada principal se ergue para a rua do Trapiche proximo á rampa de desembarque e o lado opposto fica para o mar,—todas as faces guarnecidas de platibanda.

Logo á entrada depara-se uma escadaria de lage que dá acesso ao salão de trabalho, muito grande, cortado por grades de ferro que dividem as secções.

Ao fundo, depois de alguns compartimentos, segue-se um pequeno avarandado muito batido pelo vento, com uma cobertura de telha suspensa por pilastras de alvenaria. Em baixo fica o trapiche dos armazens internos com boas commodidades.

Pela lei provincial n. 62 de 9 de Julho de 1838 foi criado o thesouro publico do Maranhão, sendo inspector Leonel Joaquim Serra que pres-

tou juramento e entrou em exercicio em 22 de Setembro do referido anno quando teve logar a installação.

Começou a funcionar em casa alugada pelo governo, á rua da Estrella.

Daquella data a 1839 rendeu 190:402\$769. A receita era sempre favoravel salvo um ou outro anno em que declinou por circumstancias extraordinarias.

Em 1871, na presidencia do Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro, foi contractado com o negociante Francisco Gonçalves dos Reis a construcção de um predio para o Thesouro, devendo pertencer á provincia no fim de 25 annos usufruindo o contractante os rendimentos das armazenagens, taxas de embarque e desembarque durante aquelle periodo.

Por Dec. de 8 de Fevereiro de 1890 passaram a pertencerao Estado não só o predio como tambem a ponte, guindastes, e mais accessorios, e para a indemnisação dos herdeiros do antigo proprietario, no valor de 65:000\$000, contrahio-

se um emprestimo com o «Banco Hypothecario e Commercial» na importancia de 70:000\$000, no maximo, em conta corrente com juros reciprocos de 6% ao anno, e para nella lhe ser creditado remettia o Thesouro o producto das armazenagens.

Este emprestimo, porem, ficou sem effeito por ter o governador Porciuncula contraido com o «Banco Nacional do Brazil», na Capital Federal, um outro, para o Estado, de 300:000\$, a juros de 6% ao anno, offerecendo como garantia, especialmente as rendas das armazenagens do Thesouro.

Com quanto seja certo o decrescimento da entrada do assucar e do algodão ou por ser esta industria descurada ou por sua impossibilidade devido á falta de braços, mas compensado pela de cereaes e outros generos, todos gravados com maiores taxas, e ainda pela arrecadação de outros impostos, a renda tem augmentando de forma a satisfazer o governo do Estado os seus compromissos com a maior pontualidade.

Em 24 de Dezembro de 1898 foi recolhido á Delegacia Fiscal com destino ao «Banco da Republica» 61:800\$000 para resgate do emprestimo que contrahido em 1890, com o prazo de 24 annos, deveria se extinguir em 1914. Vê-se, portanto,

que dentro de oito annos ficou a dívida paga integralmente.

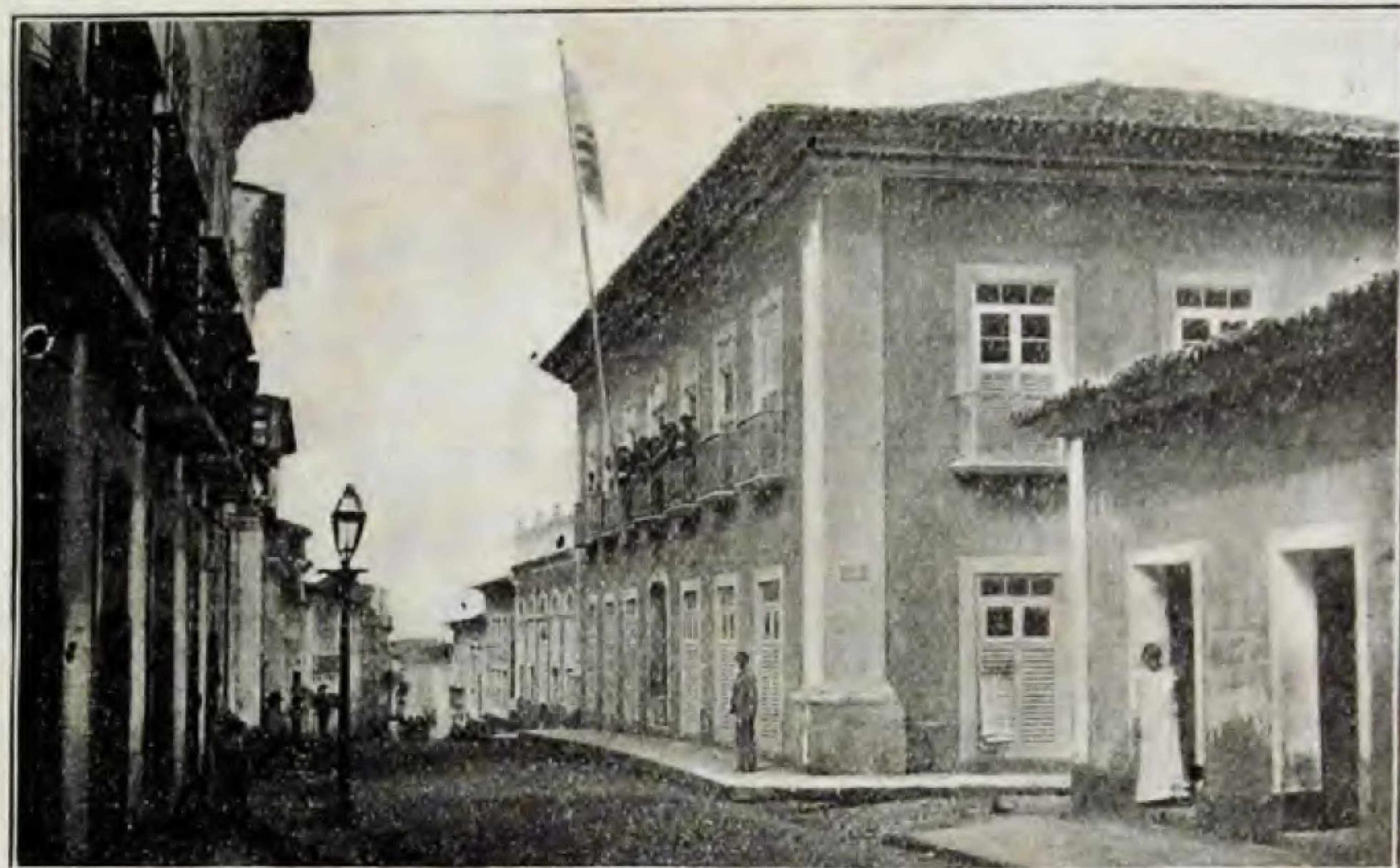
Foram tambem ha pouco incinerados 3943 titulos de dívida ao portador, emitidos de acordo com a lei n. 68 de 25 de Julho de 1894 representando a somma de Rs. 281:005\$000. Nos ultimos exercicios a arrecadação tem sempre excedido aos orçamentos, o que consequintemente denota grande prosperidade. No anno findo, 1898, importou a receita em Rs. 197:891\$595.

Alem dos motivos que proporcionam o crescimento das rendas, é fora de duvida que para o equilibrio dellas ou seus respectivos saldos, muito tem influido a administração financeira e economica do Estado.

O Thesouro é dividido em 3 secções constituidas por um 1º escripturario tres 2' e dous praticantes; cada uma com os seus chefes.

Alem destes empregados tem mais osconferentes incumbidos da guarda e fiscalização do embarque e desembarque dos generos sujeitos ao pagamento de direitos, sua verificação e entrega.

Exerce actualmente com muita proficiencia o logar de inspector, o Sr. Nunes Alves de Pinho, desvelando-se o quanto pode para sempre melhorar e garantir os creditos da repartição.



Rua Formosa—LYCEU



JARDIM INTERIOR DA PRAÇA DO COMMERCIO

Lyceu Maranhense

O Lyceu Maranhense funciona em uma casa de sobrado, sem realce algum de arquitetura, com a face principal para a rua Formosa, e a lateral para a rua Direita.

E' um edificio menos proprio para este estabelecimento, mas tendo sido bem aproveitadas as suas accommodações, que não são pequenas, vae servindo regularmente. Se de principio fosse construido para funcionar o Lyceu, teria o Maranhão outro edificio mais adequado tanto interior como exteriormente. Era, porém, uma casa particular como adiante se vê.

A instrucção publica que deveria sempre merecer especial attenção dos poderes competentes por ser a columna avançada do progresso, foi nos primeiros tempos descurada no Maranhão; o ensino era ministrado em casa do professor, sem methodo algum, ou então em casas pagas pelo governo sem proporção para as aulas.

Em 1823, o padre Domingos Cadavilla Veloso, professor de primeiras letras, provido por

Bernardo da Silveira Pinto, dava aula no corredor da igreja do Rosario, e em 1828, funcionava a de latim na Santa Casa da Mizericordia.

Depois foi melhorando com a fundação de outras escolas tanto publicas como particulares até que em 1838, no governo do Commendador Vicente Pires de Figueiredo Camargo, ficou resolvido pela lei provincial n. 77 de 24 de Julho do referido anno, a criação de um Lyceu. Começou a funcionar no anno seguinte no pavimento terreo do Convento de N. S. do Carmo, em frente ao largo do mesmo nome, matriculando-se desde logo muitos alumnos.

Contava 10 cadeiras:—latim, francez, inglez, geographia, grammatica philosophica, philosophia rational e moral, rhetorica, mathematica elementar, commercio e historia.

Foi seu primeiro director o notavel filologo maranhense Francisco Sotero dos Reis que procurava imprimir todo o cunho de moralidade.

Com quanto não fosse tambem um edificio

apropriado comtudo havia espaço e condição sufficiente para serem exercidas todas as aulas, formando um nucleo de instrucção que até então não existia.

Ahi esteve por muitos annos apresentando os melhores resultados; seu corpo docente era o mais digno e selecto possivel.

Em 1890, quando governador do Estado o Dr. Thomaz da Porciuncula, firmou-se com o cidadão Odino Tompson Rosa, procurador do Dr. Ricardo Salazar e sua mulher D. Maria Thereza Salazar o contracto, sem prazo estipulado, do predio de propriedade destes, á rua Formosa, sob n. 26, pelo aluguel de 900\$000 annuaes, com o fim de ser transferido o Lyceu d'onde se achava.

As aulas começaram a funcionar em 1º de Julho do referido anno.

Por escriptura publica de 23 de Agosto de 1893 realizou-se a compra do alludido predio pela quantia de 22:000\$000.

Em 1894 o Congresso Estadoal pela lei n. 69 de 15 de Julho autorizou ao governo a mandar fazer os concertos de que necessitava, sendo em virtude da mesma lei aberta para tal fim a verba de 10:000\$000.

Alem desta importancia o Governo Federal deu como auxilio ás obras pela lei n. 428 de 10 de Dezembro de 1896, a quantia de 15:000\$, que foi recebida em duas prestações.

Incumbio-se do orçamento e do preparo do edificio o Sr. Luiz Ory, professor de desenho, que com muito gosto o soube adequar quanto possivel ao fim a que era destinado.

Tanto o primeiro como o segundo pavimento se acham ocupados por diferentes aulas.

Exerce actualmente o logar de inspector geral da instrucção publica o Dr. João Francisco Corrêa Leal.

Funcionam as seguintes cadeiras: Historia Universal e do Brazil, Inglez, Grego, Chimica, Physica, Historia da Philosophia, Historia Natural, Geographia, Allemão, Latim, Mathematicas, Francez, Grammatica, Litteratura e Gymnastica.

Por Dec. n. 21 de 15 de Abril de 1890 foi creada a Escola Normal que começou a funcionar n'um dos lados do Lyceu.

Seu curso dividido em 3 annos, de regimen mixto, é destinado ao preparo de professores para as escolas primarias do Estado e constituido das seguintes materias: Lingua portugueza, lin-

guia franceza, Arithmetica, Chorographia do Brazil, Geographia, Historia do Brazil, Historia Universal, Pedagogia, Historia Natural, Instrucção moral e civica, Litteratura Portugueza e Brazileira, Physica, Chimica, Desenho, Musica, Gymnastica, Trabalhos de agulha (para o sexo feminino).

Pela reforma de 11 de Abril do corrente anno foi separada do Lyceu e creada a Escola Modelo que ficou annexa a esta.

O ensino que então era ministrado pelos professores do Lyceu passou a ser exercido por outros e o curso augmentado para 4 annos, sujeitos ás mesmas disciplinas.

Occupa agora o cargo de Director o Dr. Almir Nina.

A Escola Modelo de que fallamos tem por sim o ensinamento proprio das escolas primarias, e o seu curso se desdobra em sete annos que, segundo os respectivos estatutos, abrangem

a primeira infancia, isto é, o periodo dos 7 aos 14 annos.

Pela lei n. 226 de 15 de Abril deste anno se acha presentemente annexado ao Lyceu um curso de commercio, dividido em 2 annos, que comprehende as aulas de inglez e allemão pratico, escripturação mercantil e noções de direito commercial. Este ensino é ministrado á noite, uma hora cada aula.

Possue o estabelecimento de que tratamos os melhores e mais variados apparelhos para o estudo pratico de diversos ramos de sciencia.

Os exames prestados perante as mezas geraes de preparatorio de accôrdo com o programma do ensino official tem, como sempre tiveram, validade nas academias para admissão do curso superior.

O pessoal da Secretaria da instrucção publica consta de 4 empregados, alem dos prefeitos, e o seu serviço é desempenhado com zelo e promptidão.

Pateo interno da Casa da Praça

O pateo interno da Casa da Praça é o que, em nossa estampa acabamos de ver em sequida ao Lyceu.

Arma bom effeito: é florido symetricamen-



te e cheio de canteiros ou almofadas semeadas de gramma. No centro realça um chafariz, ponto d'onde partem pequenas calçadas de cimento cruzando o pateo.



CASA DA PRAÇA

Casa da Praça

Acha-se situada na Praia Grande, no bairro mais commercial da cidade, a Casa da Praça representada na photogravura junta.

Ha longos annos existiam nesse logar diversas barracas com o nome de *Terreiro Publico* ou *Casa das Tulhas* mandadas construir pelo governo com o fim de serem expostos á venda os generos de prompta necessidade. Só era permitido vender-se nas ruas o que fosse feito em forno e as hortaliças até ás 8 horas da manhã.

Os moradores dessas barracas que constituiam o celeiro publico eram obrigados a conservar na janella uma lanterna durante a noite e os que infringiam semelhante postura incorriam em multa além da prisão e perda dos generos.

—
Encorporada n'esta cidade uma companhia denominada Confiança Maranhense, tratou de edificar a Casa da Praça que ora vemos no logar das referidas barracas, tendo em vista

o mesmo fim. Occupou uma grande area proporcionando muitos logares para o commercio.

Levantou-se o edificio com o capital de oitenta contos de réis divididos em 4.000 accões, passando depois, em 1895, a pertencer à Camara Municipal nos termos do contracto celebrado em 18 de Setembro de 1860.

A sua construcção é solida e de forma rectangular; em cada uma das faces abre-se um portão que dá entrada para um pateo, e no do lado principal que olha a Praça do Commercio, lê-se no frontão o distico—28 de Julho de 1855, recordando a data em que se lançou a primeira pedra.

No angulo á esquerda da fachada com quatro portas de frente e quatro lateraes, acha-se situada a Casa da Praça onde funcciona a junta commercial. De bastante tempo a esta parte todas as faces do edificio passaram a ser ocupadas por armazens e lojas de primeira ordem, constituindo o centro do commercio.



FÁBRICA INDUSTRIAL DE MARTINS & IRMÃOS

Fabrica Industrial de Martins & Irmãos

Entre os bons estabelecimentos produtores que possue o Maranhão, acha-se, em primeiro lugar no seu genero, a fabrica dos Srs. Martins & Irmãos, destinada á preparação de oleos, sabão, velas e arroz.

Damos a sua vista na estampa junta pelo muito que merece, devido ao grão de desenvolvimento e prosperidade em que se acha e que mais ainda promette, attenta a transformação geral por que está passando assim de augmentar a produçao.

Este edificio de architectura apropriada, está situado em um plano inclinado, n'uma area de 3500 metros quadrados, à beira do Largo de S. Thiago, confinando com a margem direita do rio Bacanga.

Pela condição accidentada do sólo, a photogravura representa apenas a fachada principal do estabelecimento, parecendo um pouco baixa em consequencia da gradação que obedece na quebrada do terreno.

Tem duas entradas, uma para o transito de operarios, que é a principal, e outra para a passagem dos carros, que fica á esquerda lateral.

A porta principal dá ingresso ao vasto armazem que serve de deposito das sementes oleaginosas; em seguida desce-se uma larga escadaria que conduzao centro do estabelecimento onde abre-se um grande pateo, para os carros empregados no trafego. Ao lado direito nos angulos, estão as machinas extractoras do oleo.

Esse serviço feito com o melhor aperfeiçoamento possivel, occupa o primeiro e segundo pavimentos que bastante espacosos, dão logar tambem ao fabrico do sabão.

A' esquerda num salão apropriado estão colocadas as caldeiras e machinas motoras, e ao lado, a fabrica de pilar arroz.

Ao fundo está em construcçao um vasto armazem para deposito e mais outros salões destinados á multiplicidade do trabalho.

Junto ao estabelecimento acha-se o escriptorio e em seguida a habitação do gerente a qual constitue uma vivenda bastante confortavel, circulada de arvores e canteiros bem cultivados, dando tudo realce e belleza a esse logar que fica n'um dos arrabaldes da cidade.



JORDOA

Jordôa

Distante cerca de quatro kilometros da cidade achâ-se situado o logar denominado Jordôa, um dos pontos de parada da locomotiva da Companhia Ferro Carril.

Ahi, como exprime a photogravura, vêem-se algumas casas com bonitos quintaes.

Devido á salubridade do terreno que é um dos mais elevados, e em vista da facil commu-nicação que ha pela linha ferrea, são essas casas ocupadas por familias, como ponto de recreio, e, sobre tudo, por pessoas doentes que necessi-tam de mudança de ares.



LARGO DO CARMO

Largo do Carmo

Em paginas anteriores a esta acha-se a photo-gravura do Largo do Carmo e em seguida a sua descrição; agora de novo representa-mo-o detalhadamente em tres estampas, mostrando, cada uma, pontos diversos para melhormente ser apreciada.

Ao lado direito notam-se algumas casas particulares e de negocios, situadas n'uma das ruas lateraes, destacando-se o kiosque da Com-

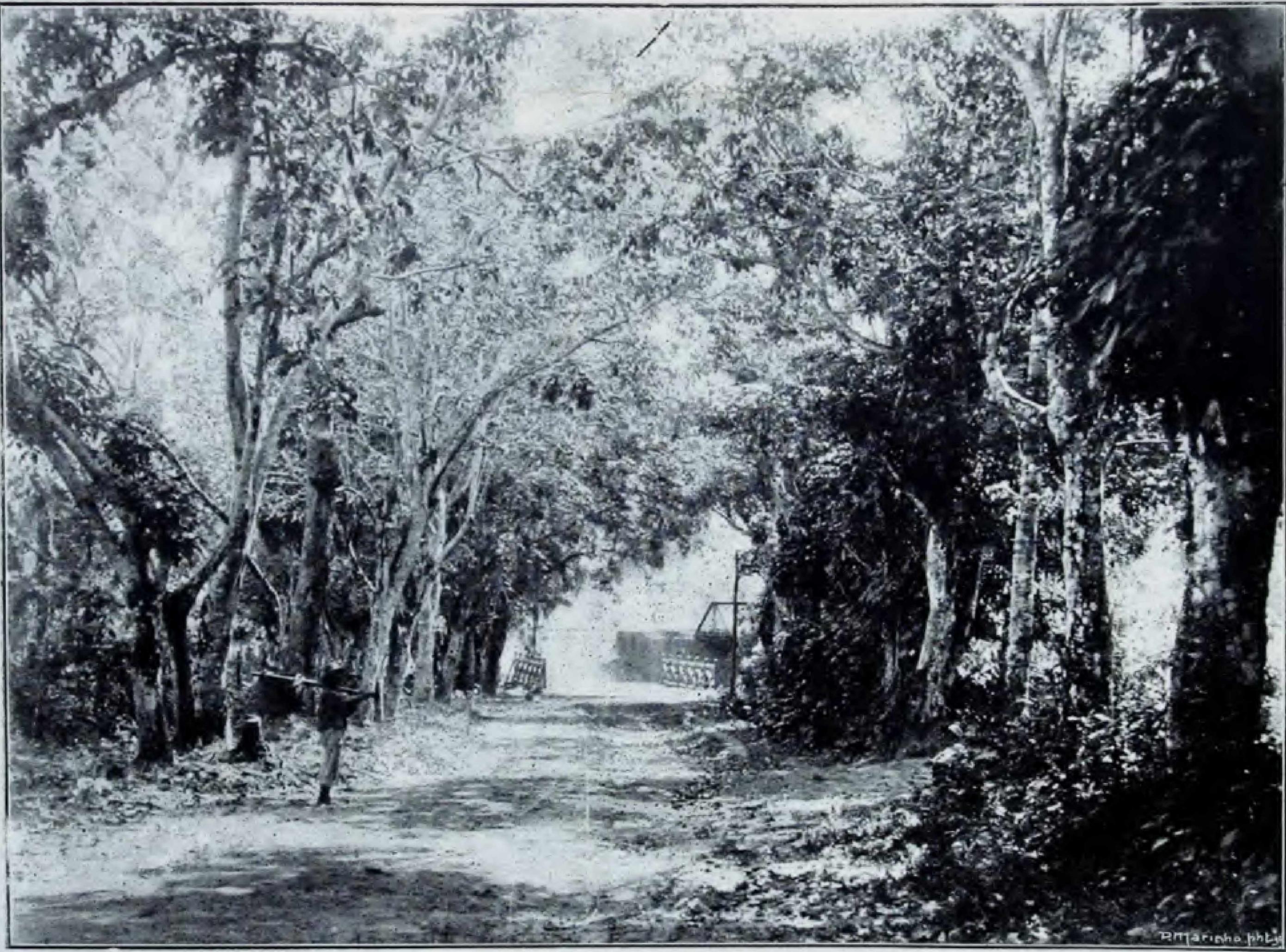
panhia Fabril Maranhense destinado á venda diaria de gelo.

Ao centro, vê-se o palacete do Dr. Palmerio de Carvalho Cantanhede, construido com muito esmero. Parte do pavimento terreo é ocupado pelo deposito de machinas de costuras e bicycletas. da «Alfaiataria Teixeira».

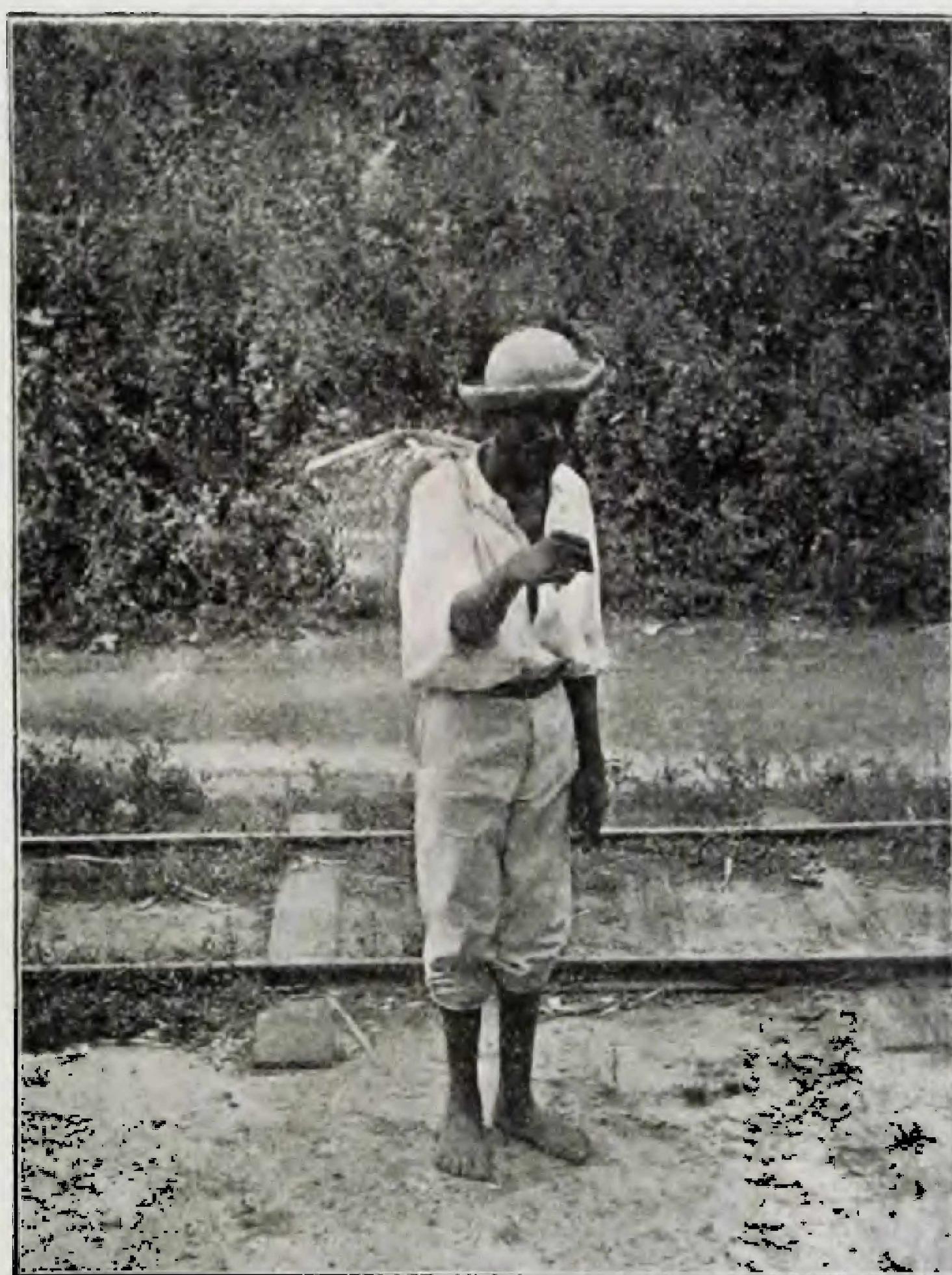
No lado esquerdo realça essa Alfaiataria que é a primeira de todo o norte do Brazil.



COSTUMES



MARANHÃO—ANTIGA PONTE DO CUTIM



COSTUMES

COSTUMES

Difficil seria a nossa pretenção se tentassemos descrever os costumes de nossa gente do sertão com todos os detalhes de sua vida. E certo, porém, que vivem felizes na simplicidade de seus habitos, recordando ás vezes a lenda geneziaca de uma época venturosa em «que não havia noite, era sempre dia, a sombra dormia no fundo das aguas e todas as cousas fallavam.»

Que importa a elles as maravilhas da sciencia ou os problemas da politica ? A flecha, a arma de fogo, a canoa, a enchada são os unicos ideaes que afagão a sua existencia voltada apenas para o presente.

Antes de fallarmos dos costumes d'estas gentes approximemo-nos dellas mais um pouco, para estudarmos de leve a sua indole e o seu caracter.

No seculo XVI que foi o primeiro periodo colonial, começou o trabalho que ainda hoje

perdura menos intenso, do crusamento das tres raças--o branco, o preto e o indigena.

Estes tres elementos ethnicos constituiram os factores do typo brazileiro comquanto ainda não perfeito e devidamente accentuado.

Dotados de sentimentos e costumes opostos cada um contribuiu com o seu contingente na elaboração da especie para o cunho da nacionalidade. Deu menos o indigena americano devido á resistencia da assimilação e á concurrenceia do preto africano dissoluto e mais docil.

O branco europeo que veio habitar no novo continente congraçou-se logo com o negro e d'esta fusão resultou a raça hybrida que é o mulato, raça forte, energica e audaz.

Mas o indigena tambem por sua vez, apesar das luctas que sustentou, defendendo o sólo ou antes a vida, muito contribuiu afinal para a composição da raça. D'esta amalgama surgiu

o caboclo, não o habitante das selvas, porém o que povoa os sertões e até mesmo as cidades.

O caboclo descendendo dos tres factores conforme o entrelaçamento, possue, do branco a intelligencia, do preto a humildade, do indigena a indolencia, e neste caso está o verdadeiro mistiço cujos habitos pretendemos estudar conforme ás estampas que formos apresentando nos albums a seguir.

O preto, por via de regra, facilmente se identifica com os costumes do caboclo, prende-se á sua vida e como elle emprega-se na lavoura e na industria pecuaria.

Estão muito proximos um do outro, ambos são geralmente ciosos e fanaticos, acreditam em quanta feitiçaria ha pelo mundo; se hoje ganham um pequeno salario, amanhã esti-

ram-se na rête, tocam viola e saboreiam a pinga.

Principiamos a dar por este album a estampa do preto, ou para melhor dizermos—do cafuz, sujeito ao influxo da mestiçagem, isto é, do preto crusado com o caboclo, e por isto, como dissemos, participando dos costumes d'este como raça mais forte.

Elle volta da feira onde naturalmente realizou sua venda que costuma ser hortaliças e fructas.

Os que vão montados, são pequenos ainda, e desde esta idade habituam-se a fazer negocios, e é certo que desenvolvem muita habilidade.

Embora simples como pareça á primeira vista, o matuto é ardiloso e desconfiado em seus tratos.

---ALFAIATARIA TEIXEIRA---

SEÇÃO DE ALFAIATARIA

A maior em todo o norte do Brazil

---CASA FUNDADA HA 52 ANNOS---

Neste estabelecimento encontra-se variado sortimento de casemiras pretas, azues e de còr para fatos de ceremonia, meia ceremonia e phantasia.

Constante deposito de alpacas pretas e de còr, brins branco, pardo e de còr, sedas e setins.

Trabalham n'esta secção 4 talhadores, 40 operarios e 20 costureiras.

Serviço de emballagem especial para encommendas de fóra da capital.

—GRANDE DEPOSITO DE ROUPA FEITA—

—LARGO DO CARMO—

—MARANHÃO—

Alfaiataria Teixeira

SECCÃO DE MODAS

N'ESTA SEÇÃO A MAIS VASTA D'ESTE ESTADO, ENCONTRASE TUDO O QUE É NECESSARIO PARA TOILETTES DE HOMENS, COMO SEJAM:

Chapéus de pello, feltro e palha, claques, bonets, camisas, collarinhos, punhos, peitilhos, gravatas, pyjamas, camisolas, ceroulas, meias, ligas, calçado, chapéos de sol, bengalas, abotoaduras, cintos, suspensorios, escovas, carteiras para dinheiro, fumo e viagem, canivetes, piteiras, návulas automaticas, lenços, robes de chambre e robes para banho, toalhas para rosto e banho e cabides.

LARGO DO CARMO
MARANHAO

Alfaiataria Teixeira

--SEÇÃO DE MACHINAS--

O maior deposito de machinas de costura em—MARANHÃO.

Unica agencia das machinas—Davis de Dayton—Ohio—Chicago.

Unica agencia das machinas—New Home.

Encontra-se tambem n'este vasto deposito,
machinas de Singer—Domestic—
Minerva—Columbia—Domina—

Jones—Fernando Esser & C.
Nothmann & C., e Gritzner.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

--CONDICÕES EXCEPCIONAIS--

Concerta-se machinas de costura, para
o que se tem pessoal habilitado.
Vende-se peças de sobrecelente, como se-
jam, lançadeiras, agulhas, correias,
almotolias, molas, etc., etc.

--LARGO DO CARMO--

--MARANHÃO--

A L F A I A T A R I A T E I X E I R A

SECCÃO DE MACHINAS

Unico deposito e agencia n'este Estado das bicycletas—Humber, Flying-Horse, Rudge-Wedge, Dayton e Crescent.

**Constante deposito de accessorios para bicycletas,
especialisando-se lanternas de acetylenio e de oleo, selins, businas, tympaos, es-
pheras, raios, camaras pneumaticas, capas, bombas, escovas, clips, verniz
preto, composição, oleos, velo-pendulettes, supports e carbureto de
calcium para lanternas de acetylenio.**

PREÇOS VANTAJOSOS & ALUGAM-SE BICYCLETAS

**MARCO DO GABINETE
---MARANHÃO---**